

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

CÁSSIA RITA CONEJO

**O VERBO-SUPORTE *FAZER* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM EXERCÍCIO DE  
ANÁLISE DE BASE FUNCIONALISTA**

MARINGÁ – PR  
2008

CÁSSIA RITA CONEJO

**O VERBO-SUPORTE *FAZER* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM EXERCÍCIO DE  
ANÁLISE DE BASE FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Pante

MARINGÁ – PR  
2008

CÁSSIA RITA CONEJO

**O VERBO-SUPORTE *FAZER* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM EXERCÍCIO DE  
ANÁLISE DE BASE FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Aprovada em

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Pante  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

MARINGÁ – PR  
2008

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me permitir desistir;

À minha família, em especial a meu pai Antonio Conejo e a minha mãe Isabel Aparecida França Conejo, pela força e pela compreensão em todos os momentos dessa árdua caminhada;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Pante, pelas contribuições oferecidas como orientadora, pela paciência e pelas muitas lições ensinadas;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Jaeger Hintze, pela luz que nos trouxe, a mim e a minha orientadora, quanto ao tema desta dissertação, tema este que me trouxe prazer à pesquisa;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera, pela prontidão em aceitar e em examinar meu trabalho e pelos apontamentos feitos por ocasião da banca de qualificação;

Ao Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Juliano Desiderato Antonio pelos esclarecimentos a respeito da teoria funcionalista e pelos apontamentos feitos por ocasião da banca de qualificação e da banca de defesa;

Aos tantos amigos - os quais prefiro não nominar para não correr o risco de me esquecer de alguém -, que tanto me ouviram falar a respeito desse trabalho e que sempre me deram apoio e palavras de conforto nos momentos mais desgastantes;

Ao mais que amigo Rafael Galbiatti de Britto, por traduzir o *abstract*, e, também, por sempre me incentivar e vibrar comigo pela conquista.

A língua, portanto, é vista como uma atividade no tempo real,  
cujas regularidades são provisórias e continuamente sujeitas à negociação,  
à renovação e ao abandono.

(Ataliba Teixeira de Castilho)

## RESUMO

A pesquisa observa o fenômeno lingüístico denominado verbo-suporte, empregado pelos mais variados falantes nas mais variadas situações de comunicação. Como *corpus* para nossa pesquisa, utilizamos entrevistas impressas na *Revista Isto É* do período de agosto/2007 até janeiro/2008, as quais se situam entre a fala e a escrita, traduzida na entrevista pela retextualização. Selecionamos para a nossa pesquisa apenas construções com o verbo *fazer* como suporte, ou seja, as demais construções em que esse verbo foi empregado não foram objeto de análise. Nossos objetivos foram: i) a discussão sobre a estrutura peculiar das construções suporte; ii) a delimitação, dentro de um *continuum*, das estruturas com verbo *fazer* pleno e aquelas consideradas expressões cristalizadas; e, então, as construções com o verbo-suporte *fazer* oscilando entre os dois extremos; iii) o estabelecimento de padrões frasais para as construções-suporte em graus de prototipia e em graus de referencialidade da construção, além da observação da existência ou não de regularidade no aspecto da construção e o que isso significa. Além disso, visamos, também, como forma de demonstrar a contribuição pragmática das construções suporte na constituição do enunciado, verificar a(s) funcionalidade(s) da construção estudada. Utilizamos alguns testes para delimitar as construções antes mencionadas e descartar aquelas que não se constituíram com o verbo *fazer* como suporte. A pesquisa se justificou pela contribuição na documentação das construções com verbo-suporte, bem como pela delimitação dos padrões frasais utilizados na construção. O trabalho evidenciou que os falantes/escritores da língua portuguesa servem-se da estrutura suporte para dar um contorno mais expressivo e, ao mesmo tempo, mais informal para o que desejam veicular.

**Palavras-chave:** verbo-suporte; *fazer*; padrões frasais; expressividade; entrevista retextualizada.

## ABSTRACT

This study has the objective of observing the linguistic phenomenon named support-verb, which is used by various speakers and on many different situations of communication. As a *corpus* to our research we will use print interviews taken from a weekly nationwide Brazilian magazine called “Isto É”. The interviews that were used refer to the months of August/2007 to January/2008 and are used because we were aiming at a middle ground between written and spoken language. This middle ground is manifested by the retextualization process used in the magazine. The only language constructions that will be looked at are the ones in which the verb “fazer” (do/make) acts as support. Our objectives are: to talk about the peculiar structure of support constructions, to establish, within a *continuum*, the structures with “fazer” (do/make) appearing as a plain verb, the ones regarded as fixed expressions and, afterwards, the constructions with the support-verb “fazer” (do/make) located between the two already mentioned situations. We also seek to establish phrasal patterns to the support constructions within different degrees of prototipia and referenciality of the construction, as well as observing if there is any regularity in the verbal aspect of the construction and the meaning of it. As a path to demonstrate the pragmatic contribution of the support constructions in the building of the sentence we also want to check the functionality(ies) of the studied constructions. Some tests will be used to set the limit between the early mentioned constructions and rule out the ones which do not match with our criterion of “fazer” (do/make) as a support-verb. The current study is justified by the possible contribution represented by the documentation of constructions with support-verb, and also by the delimitation of phrasal patterns which are used in these constructions. The present paper aims to validate the hypothesis that speakers/writers of Portuguese language resource to support structure to outline more expressively, and at the same time more formally, the information which they wish to transmit.

**Key words:** support-verb, “fazer” (do/make), phrasal patterns, expressivity, retextualized interview.

## Sumário

Introdução.....	9
CAPÍTULO 1: A visão funcionalista da linguagem .....	14
CAPÍTULO 2: Os verbos-suporte.....	23
CAPÍTULO 3: O verbo <i>fazer</i> .....	43
CAPÍTULO 4: As construções com verbo-suporte <i>fazer</i> .....	48
4.1 Testes com as construções com o verbo-suporte <i>fazer</i> .....	48
4.2 Estabelecimento de alguns padrões para as construções com o verbo-suporte <i>fazer</i>	59
4.3 O <i>aspecto</i> nas construções com o verbo-suporte <i>fazer</i> .....	80
Considerações finais.....	89
Referências .....	92



## Introdução

Embora áreas diferentes dos estudos lingüísticos tratem, também de maneira diferenciada, os fenômenos relacionados à língua e à linguagem, há uma inquietação comum, senão a todos, a alguns lingüistas: a maleabilidade e a mutabilidade da língua, mecanismo de que se servem os mais variados falantes em suas jornadas diárias.

Tomando como princípio que a língua é mutável e que quem de fato a molda são os seus usuários, analisamos um fenômeno pouco pesquisado, mas de larga utilização na língua portuguesa: os verbos-suporte. Nosso trabalho justifica-se como contribuição para a documentação da estrutura suporte que é amplamente utilizada pelos usuários da língua portuguesa, seja para dar um contorno mais informal e expressivo ao seu discurso, seja por desconhecer a disponibilidade de um verbo pleno que ilustre melhor a situação que deseja relatar.

Consideramos como verbos-suporte aqueles que não constituem sozinhos o núcleo do predicado, uma vez que o verbo-suporte vem seguido de um nome ou um sintagma nominal e passa a depender desse argumento que os acompanha para ter sentido completo (GROSS e VIVÈS, 1986; GIRY-SCHNEIDER, 1986 *apud* NEVES, 2002; 2006). O verbo, então, dá suporte às categorias gramaticais de tempo, de modo, de número e de pessoa e o sintagma nominal que ocupa o lugar do objeto direto vai de não-referencial, nos casos mais prototípicos, até atingir graus de referencialidade.

Nesta dissertação, objetivamos

- discorrer sobre a estrutura peculiar dos verbos-suporte;
- delimitar, no interior de um *continuum*, as estruturas com verbo pleno, as estruturas com verbo-suporte e as expressões cristalizadas para, posteriormente, melhor analisar as construções-suporte;
- estabelecer padrões frasais para as construções suporte dentro de graus de prototipia;
- verificar qual(is) a(s) funcionalidade(s) da construção com verbo-suporte;

- verificar se há contribuição pragmática da construção-suporte na constituição do enunciado.

Como a construção-suporte pode se servir de diversos verbos em sua constituição, decidimos trabalhar apenas com as construções com o verbo-suporte *fazer*. Como atesta Cunha (1995), o verbo *fazer* está na lista de um dos mais utilizados em língua portuguesa desde a sua fase arcaica e, além disso, mostra-se largamente documentado no *corpus*.

Selecionamos, como *corpus* para a pesquisa, entrevistas publicadas na revista *Isto É on-line* entre os meses de agosto/2007 a janeiro/2008. Destacamos todas as ocorrências do verbo *fazer* encontradas no *corpus* (249 no total) e, posteriormente, separamos tais ocorrências em construções que apresentavam *fazer* como verbo pleno, como componente de expressões cristalizadas e como verbo participante das construções com verbo-suporte, objeto de nossa pesquisa.

Descartamos as construções

1. com verbo *fazer* intransitivo, pois a constituição de um enunciado intransitivo não permite a adjunção de elementos nominais como complementação verbal, o que é imprescindível para a formação da construção suporte;
2. com verbo *fazer* em seu uso vicário, ou seja, o verbo *fazer* é utilizado para retomar uma oração construída com outro verbo qualquer. Nesse caso, o verbo *fazer* assume o sentido do verbo ao qual se refere, também bloqueando a formação da construção-suporte;
3. com verbo *fazer com que* (contaminação sintática, segundo Bechara (1999, p .596). Como veremos, a construção de verbo-suporte é seguida de elemento nominal;
4. com verbo *fazer* seguidas de outro verbo no infinitivo que tem sentido causativo, pois, como mencionamos anteriormente, é obrigatório um elemento nominal acompanhando o verbo-suporte;
5. anafóricas *fazer isso*, pois retomam sentenças completas com outros verbos variados que não são suporte;
6. com complemento objeto direto com a característica [+ humano], pois o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte tem, obrigatoriamente, característica [- humano].

Entendemos, portanto, que as construções descartadas são constituídas de verbo *fazer* pleno. Na seqüência, apresentamos exemplos de cada uma delas.

- (1). É inegável o glamour e o sex appeal que há em tudo que a Versace **faz**. (Ed. 1971 / 08-08-2007)
- (2). Enquanto não vem o trem, pode-se implantar facilmente linhas diretas de ônibus em corredores exclusivos, como **eu fiz** em Curitiba. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (3). Ele (Tancredo Neves) teve um papel fundamental naquele processo de redemocratização, o que **fez com que** ele se tornasse um dos principais expoentes do PFL. (Ed. 1974 / 05-09-2007)
- (4). E essa base funcionou de uma forma deficiente na produção de uma campanha que pudesse **fazer crescer** os votos de Geraldo Alckmin. (Ed. 1988 / 05-12-2007)
- (5). Estou na indústria fonográfica há 57 anos, só **fiz isso** até hoje. (Ed. 1984 / 07-11-2007)
- (6). O que eu sei é que “nunca na história deste País” um presidente **fez os ricos** ficarem muito mais ricos. (Ed.1973 / 22-08-2007)

Escolhemos a entrevista jornalística por acreditarmos que ela é um gênero que, embora escrito e culto, mantém os contornos dos tipos de discurso dos entrevistados. Dentre os procedimentos para a publicação da entrevista, a *Revista Isto É* opta pelo estilo pergunta-resposta, o que, segundo Lage (2001), reforça a idéia de que a fala do entrevistado foi transcrita tal qual se processou. É evidente que isso não acontece, ainda que um dos preceitos da entrevista seja o de ser o mais fidedigno possível em relação à fonte, ou seja, transcrever exatamente aquilo que o entrevistado disse, inclusive em seu estilo de o dizer.

Devemos observar, como aponta Marcuschi (2001), que a escrita não é a representação da fala, uma vez que não é capaz de reproduzir a prosódia, a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos. O que temos, então, na entrevista escrita, é uma modificação da modalidade oral para uma modalidade escrita, o que o autor denomina *retextualização*. Para o mesmo autor, fala e escrita não caracterizam uma dicotomia ou dois sistemas lingüísticos opostos, mas modalidades complementares de uso da língua.

É importante ressaltar a diferença entre transcrição e retextualização. A primeira diz respeito à passagem de um texto, em sua realização sonora, para a forma gráfica, levando-se em conta alguns procedimentos convencionalizados. Ocorrem, também, mudanças que, contudo, não podem interferir no caráter do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. No processo de retextualização, ocorre uma espécie de “tradução” de uma modalidade lingüística para outra no interior da mesma língua, ocasionando mudanças mais sensíveis, principalmente no caso da linguagem. É imprescindível, porém, que o indivíduo, ao retextualizar uma modalidade lingüística, compreenda o que esse alguém produtor do texto a ser reescrito quis dizer e o transponha para a nova modalidade, em nosso caso, escrita, da forma mais adequada, de modo a manter o sentido dado pelo produtor do texto ao seu enunciado. Dessa forma, ocorre uma adaptação de uma modalidade da língua para outra, interferindo no nível da expressão e do conteúdo veiculado, uma vez que a modalidade reescrita pode servir a um propósito determinado, em nosso caso, a entrevista impressa.

Marcuschi (2001) resalta que cada modalidade lingüística possui contornos peculiares, extralingüísticos ou não. O autor aponta quatro variáveis relevantes no processo de retextualização: o propósito ou o objetivo do texto a ser retextualizado; a relação entre o produtor e o transformador do texto original; a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero retextualizado; os processos de formulação de cada modalidade.

A retextualização, no caso específico apresentado em nosso *corpus*, ou seja, a passagem de uma entrevista oral, gravada, para a entrevista impressa, publicada em meio escrito, é, portanto, um processo de reformulação textual que elimina marcas de oralidade, tais como: descontinuidades, repetições, correções, inserções, e procura determinar que partes do enunciado são dispensáveis, de modo a produzir um novo texto gramaticalmente ideal, ou seja, determina que frase define ou que frases melhor definem o sentido daquele enunciado, em nosso caso oral, na modalidade escrita, da qual nos servimos como *corpus* de pesquisa.

Para facilitar a identificação da referência dos enunciados cotejados no *corpus*, indicamos, ao final de cada item citado, entre parênteses, primeiro a edição da revista, por exemplo, Ed. 1973, em seguida, a data de publicação da matéria que consta na revista eletrônica, mas que é a data do seu número impresso.

O tratamento teórico aplicado é o da abordagem funcionalista, que tem como uma de suas principais preocupações estudar a língua em uso, bem como as mudanças lingüísticas. As mudanças que a língua sofre ao longo dos anos têm de ser estudadas e documentadas em seus usos e em suas funções específicas. Para atingir tal objetivo, adotamos como ponto de vista a língua em uso, pois, além de determinar a constituição das expressões lingüísticas em cotejo, apontamos os usos/funções de tais construções. Entendemos que, por partirmos de um *corpus* de pesquisa em que se documentam as estruturas pesquisadas, contemplamos determinado uso em determinado contexto, ou seja, consideramos a pragmática.

Embora tenhamos adotado os preceitos teóricos de autores de base funcionalista, como Neves (1994; 1996; 2000; 2002; 2006), Borba (1994; 1996), Vieira (2001) e Pezatti (2004), entre outros, aproveitamos parte de um dos trabalhos do gerativista Radford (1988) como instrumento de análise para testarmos a estrutura de constituintes das construções-suporte, e de Scher (2003; 2004), que também apresenta uma proposta diferenciada para a distinção e a análise de verbos-suporte, com ênfase no verbo-suporte *dar*, e trabalha com os preceitos da Morfologia Distribuída para delimitar o lugar de tais construções no interior da gramática.

Esta dissertação divide-se em 5 partes. A primeira apresenta a visão funcionalista no tratamento dos fatos lingüísticos, visão essa que adotamos como pressuposto para nossa pesquisa. A segunda ilustra a trajetória dos estudos sobre verbos-suporte, as contribuições e as conclusões de pesquisas anteriores a respeito do tema. A terceira fornece notas sobre o verbo *fazer*. A quarta, subdividida em três subitens, apresenta, primeiramente, a aplicação dos testes de constituinte sintagmático às ocorrências do *corpus*; em seguida, as análises das ocorrências para delimitar as construções-suporte dentro de um *continuum*, que leva em consideração os verbos plenos, em um extremo, e as expressões cristalizadas, em outro, a fim de definir padrões frasais e graus de prototipia para as construções-suporte; no terceiro subitem, encontram-se as possíveis relações das construções com o verbo-suporte *fazer* e noções aspectuais. Finalmente, nas considerações finais, encontram-se observações a respeito das análises realizadas.

Esperamos, com isso, contribuir para o estudo dos verbos-suporte, bem como para a delimitação de seus padrões frasais e pragmáticos.

## **CAPÍTULO 1: A visão funcionalista da linguagem**

A lingüística de hoje teve suas bases no início do século XX com a publicação, em 1916, do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure. Surgem, então, segundo Martelotta e Areas (2003), os fundamentos para a evolução da disciplina lingüística: as noções de sistema, de estrutura e de função. Saussure postulou a noção de língua como um sistema, isto é, um conjunto de elementos agrupados em um todo organizado e que abarca determinadas estruturas. Entretanto, ao propor a bipartição entre *langue*/*parole* e ao priorizar o estudo somente da *langue*, fez que seus estudos e, conseqüentemente, o de seus seguidores não considerassem o componente social, ou seja, o uso.

O estruturalismo continuou a desenvolver-se no seio da Escola Lingüística de Praga, entremeio as duas guerras mundiais. Essa escola aproveitou os ensinamentos de Saussure, mas projetou outros lingüistas, como o filósofo alemão C. Bühler, os franceses L. Tesnière, A. Martinet, o lingüista russo R. Jakobson, entre outros. Segundo Ilari (2004), esse grupo fez uso dos ensinamentos de Saussure melhorando-os, por exemplo, ao pensar a concepção de comunicação que postula o total controle dos signos lingüísticos por parte dos interlocutores, reconhecendo todos os traços pertinentes que permitem identificá-los. Desse modo, a fala depende da língua e a interpretação é tão somente uma questão de discriminar os signos. A Escola de Praga mostrou que, para além do conceito saussuriano, a comunicação afeta nossos conhecimentos e nossa consciência das situações de forma dinâmica. Os enunciados, por sua vez, comportam uma parte menos dinâmica (o tema) e uma parte mais dinâmica (o rema). O funcionalismo, como o conhecemos hoje, teve suas origens na Escola Lingüística de Praga.

A Escola de Praga, primordialmente, denominou “função” a relação entre elemento e sistema lingüístico. Essa escola entendia a língua como um sistema funcional, no sentido de que os usuários a utilizam para um fim determinado, ou seja, a intenção do locutor determina o discurso.

Dentro do pólo formalista em lingüística, podemos distinguir vertentes diferentes, como a estruturalista e a funcionalista. O pólo estruturalista analisa tão

somente as formas lingüísticas, ou seja, considera a língua como um objeto autônomo de caráter abstrato e estático, uma vez que é dissociado da comunicação. O pólo funcionalista, por sua vez, considera a função da forma lingüística na comunicação, ou seja, a língua é essencialmente um instrumento de comunicação que não pode ser vista de forma autônoma, uma vez que está sujeita às pressões advindas do uso, as quais acabam por determinar sua estrutura gramatical. Henri Frei, discípulo de Saussure, é considerado, segundo Martelotta e Areas (2003), o promotor da lingüística de base funcional, que liga fatos a funções lingüísticas.

Os autores postulam que, na Europa do século XX, surgiram escolas pós-saussurianas em que se destacou o pólo funcionalista. Henri Frei, citado anteriormente, fez parte da Escola de Genebra formada na época da publicação do *Cours*, foi dos seguidores de Saussure o que advogou a lingüística funcional. A escola francesa também sofreu tal influência e teve como um de seus maiores expoentes A. Martinet, que contribuiu na elaboração das teorias do Círculo de Praga e ocupou a primeira cátedra de fonologia em Paris, em 1938 (LEPSCHY, 1971). Algumas décadas depois, as idéias funcionalistas chegaram com M. A. K. Halliday até a Escola de Londres, que passou a estudar as línguas de um ponto de vista funcional. Ainda na Europa, também se destaca o grupo holandês, que tem em S. Dik um de seus maiores expoentes, o qual lecionou na Universidade de Amsterdã a partir de 1970.

Nos Estados Unidos, por sua vez, a lingüística teve início com o estruturalismo formalista de Leonard Bloomfield, que veio atender a necessidades específicas: a codificação dos falares indígenas que estavam desaparecendo por conta da colonização. O funcionalismo deslança a partir do momento em que gerativistas buscam alternativas teóricas para melhor abordar os temas por eles estudados. Assim ocorreu com Elizabeth Traugott, que, por estudar temas relacionados à mudança lingüística, adotou a teoria funcionalista da gramaticalização para focalizar aspectos semântico-pragmáticos da mudança.

Ainda segundo Martelotta e Areas (2003), a partir de 1970, o movimento funcionalista ganha força nos Estados Unidos, com lingüistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, cujas pesquisas se voltam à observação da língua por meio do contexto lingüístico e da situação extralingüística. A sintaxe,

dessa forma, está sempre em mutação, pois é na língua em uso, nos contextos discursivos específicos, que a gramática se constitui.

Ser funcional, pois, significa considerar o “pra que serve” determinada estrutura ou determinado enunciado, levando sempre em conta a via de mão dupla entre forma/função e os meios de expressão ou os discursos ou, ainda, os enunciados. Desse modo, podemos dizer que a organização interna da linguagem serve a propósitos comunicativos, ou seja, funcionais.

Para entender melhor a noção de função, podemos citar o funcionalista Halliday, que, segundo Neves (2006), fixa-se na definição de função em sua gramática funcional, entendendo-a como o papel que a linguagem ocupa na vida dos indivíduos, servindo aos seus mais diversos propósitos. De acordo com Neves (1994: 119),

uma gramática funcional destina-se, pois, a revelar, pelo estudo das seqüências lingüísticas, os significados que estão codificados por essas seqüências. O fato de ser “funcional” significa que ela está baseada no significado, mas o fato de ser “gramática” significa que ela é uma interpretação das formas lingüísticas. A análise lingüística permite mostrar como e por que o texto significa o que significa, e permite dizer por que o texto é ou não é um texto efetivo, pelos propósitos que tem.

Algumas noções foram adotadas pelo funcionalismo, que passa a considerar e a contrapor conceitos diversos. Entre tais noções, podemos citar a *iconicidade*, a *fala* (não mais o estudo da *langue* em detrimento da *parole*), entre outros. O funcionalismo também adota o ponto de vista *pancrônico*, ou seja, considera, simultaneamente, as visões sincrônica e diacrônica.

A iconicidade é a contrapartida de um dos dogmas estruturais que postula a arbitrariedade do signo lingüístico. Segundo Martelotta e Areas (2003), ao desvincularmos determinado vocábulo de seu contexto de uso, percebemos que a relação entre o significante e o significado por ele representada é, realmente, não-necessária. Por outro lado, se considerarmos o foco da análise na língua em uso, observamos que há mecanismos recorrentes para a criação de rótulos para novos referentes. Desse modo, o falante não “inventa” novas palavras, mas emprega



mecanismos já existentes, como a derivação ou a composição, ou seja, a nova palavra assume determinada forma por algum motivo específico, seja ele de ordem semântica, morfológica ou mesmo fonética. Cunha, Costa e Cezario (2003) definem iconicidade como a correlação entre forma e função, ou seja, entre a expressão e o conteúdo. Dessa forma, a língua acaba por refletir, de alguma maneira, a estrutura da experiência. Segundo os autores

A língua é um mapeamento arbitrário de idéias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e na organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Como opção teórica, o princípio da iconicidade (...) permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua. (CUNHA, COSTA E CEZARIO, 2003: 34)

Encontramos exemplos fartos de não-arbitrariedade na sintaxe, por exemplo, em períodos que exprimem uma ordem temporal e, por isso, não podem ter suas cláusulas invertidas sem prejuízo à ordenação dos estados de coisa no mundo real e em outros tantos fatos lingüísticos. A essas tendências, portanto, em que se percebe algum tipo de motivação, os funcionalistas denominam *iconicidade*.

Para a lingüística funcional, não há como separar a *langue* da *parole*, pois ela compreende que é na língua em uso e, portanto, na fala, que o sistema toma forma e se modifica ao longo do tempo. O que era casual e até mesmo acidental caracteriza o discurso, moldando o sistema lingüístico, que, por sua vez, alimenta o discurso. Ora, devemos considerar aí o fato de que os fenômenos lingüísticos são estudados em sua trajetória ao longo do tempo e que tais fenômenos podem mudar com o tempo (diacronia), como também podem manter, ao longo da trajetória da língua, um conjunto de polissemias concorrentes (sincronia). Os funcionalistas observam a mudança a partir de um ponto de vista *pancrônico*, ou seja, observam regularidades na mudança lingüística como um todo, levando em consideração fatores comunicativos e cognitivos que atuam no indivíduo no momento real da comunicação e que são considerados universais.

Quando pensamos em uma gramática funcional, devemos considerar, segundo Neves (2006), o uso da língua em relação ao sistema; o significado em relação à forma lingüística; e a questão social no que concerne ao individual. As investigações no âmbito funcionalista abarcam temas como: (i) as relações entre discurso e gramática, uma vez que o discurso dá forma à gramática, mas aquele não pode existir sem esta; (ii) a liberdade organizacional do falante, no sentido de que ele processa as estruturas de uma determinada língua e faz escolhas que determinam os sentidos e os efeitos pragmáticos que deseja veicular; (iii) a distribuição da informação e seu relevo informativo, contorno que é também estabelecido pelo falante; (iv) o fluxo de informação e o fluxo de atenção; (v) o processo de gramaticalização, segundo o qual determinadas estruturas são organizadas em categorias lingüísticas diversas; (vi) a motivação icônica e a competição de motivações; (vii) a fluidez de categorias e a prototipia.

Vale a pena citar o modelo funcionalista de Talmy Givón, que pensa na não-autonomia do sistema lingüístico e entende a estruturação interna da gramática como a unificação da sintaxe, que codifica os domínios funcionais que são a semântica, proposicional, e a pragmática, discursiva (NEVES, 2006: 19). Também examina os aspectos icônicos da língua. Givón (1995, *apud* MARTELOTTA e AREAS, 2003) caracteriza a visão funcionalista da linguagem por meio das seguintes premissas:

- *a linguagem é uma atividade sociocultural;*
- *a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;*
- *a estrutura é não-arbitrária;*
- *a mudança e a variação estão sempre presentes;*
- *o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;*
- *as categorias não são discretas, ou seja, não são estanques;*
- *a estrutura é maleável e não-rígida;*
- *as gramáticas são emergentes (a gramática de uma língua natural nunca está completa);*
- *as regras de gramática permitem exceções.*

De acordo com Pezatti (2004), os estudos funcionalistas no Brasil ganharam relevo com a discussão promovida por Votre e Naro (1989) a respeito da contraposição entre os modelos funcional e formal, entendido este último como o modelo gerativo. Os autores consideram que o processo de comunicação real é o responsável por gerar a forma lingüística e que a estrutura gramatical das sentenças depende das regularidades das situações de fala. Os autores deduzem, portanto, que a explicação da estrutura advém da comunicação; a análise lingüística é feita no discurso; o trabalho é indutivo, ou seja, a recorrência de regularidades na estrutura é que possibilita fazer generalizações. Ocorre, então, uma competição de motivações entre fatores lingüísticos e não-lingüísticos, como as exigências do processo de comunicação, em que se integra a pragmática na análise. Para os autores, os dois modelos acima citados são diferentes e excludentes, ou seja, caracterizam diferentes abordagens para um mesmo objeto de estudo: as línguas naturais.

Ao analisarmos temas funcionalistas para o estudo da linguagem, devemos levar em conta que uma gramática de base funcionalista, ou, ainda, uma gramática de usos, busca a aplicação da teoria em diversas línguas devido ao seu caráter, que parte do geral para o particular. Como afirma Neves,

o homem fala porque tem a capacidade de produzir linguagem (a competência comunicativa), porque tem o domínio de uma língua particular historicamente inserida (o conhecimento de um idioma) e porque se encontra em uma dada situação de uso (um evento comunicativo).(2006: 19-20)

Segundo Pezatti (2004: 168), *o compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como um requisito pragmático da interação verbal*. Para os funcionalistas, o componente mais abrangente é, portanto, a pragmática, no interior da qual estão a semântica e a sintaxe. Nesse contexto, a semântica depende da pragmática, e a sintaxe, da semântica. Dessa forma, o princípio fundamental dos pressupostos funcionalistas é a subordinação do estudo do sistema lingüístico ao uso, bem como a descrição de expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais específicos.

Como o usuário de determinada língua natural ocupa lugar importante na descrição de uma teoria funcionalista da linguagem, é importante ressaltar as capacidades humanas que influenciam a percepção e a utilização da língua. De acordo com Dik (1989, *apud* PEZATTI: 2004), o usuário de uma língua natural tem capacidade lingüística, no sentido de que é capaz de produzir e/ou de interpretar expressões lingüísticas de variedade e de complexidade diversas em um número grande de situações comunicativas; capacidade epistêmica para construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado, ou seja, deriva conhecimento de expressões lingüísticas, armazena-o para, posteriormente, recuperá-lo e utilizá-lo na interpretação de novos enunciados lingüísticos; capacidade lógica de dedução e de probabilidade; capacidade perceptual para derivar conhecimento por meio da percepção de seu ambiente; e capacidade social que determina o que dizer e como dizer para atingir suas metas comunicativas particulares.

Ainda de acordo com Pezatti (2004), no modelo teórico funcionalista, a análise lingüística envolve dois tipos de sistemas de regras: aquele que determina a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas); e aquele que constitui os padrões de interação em que tais expressões são utilizadas (regras pragmáticas).

As línguas estão em constante mudança devido à criação de novas expressões e de arranjos na ordenação vocabular. Por isso a gramática não pode ser considerada uma entidade estática, no sentido de que também sofre mudanças advindas de pressões de uso. De acordo com Cunha, Costa e Cezário (2003), o discurso é o ponto de partida e de chegada da gramática, ou seja, se um fenômeno discursivo passa a ocorrer de forma previsível e estável, passa do discurso à gramática; se, por outro lado, um fenômeno da gramática passa a apresentar comportamentos não-previsíveis faz o caminho inverso: sai da gramática e retorna ao discurso.

Dessa forma, para os autores, ocorre a gramaticalização, isto é, o processo de regularização de determinado uso, antes sem regularidade, mas que, por força do uso, da repetição, exerce uma pressão fazendo que o casual se converta em normal e passe a integrar a gramática da língua. Esse processo privilegia, portanto, a trajetória dos elementos lingüísticos do léxico à gramática (*verbo pleno* > *verbo*

*auxiliar*), bem como a passagem de categorias menos gramaticais a categorias mais gramaticais, como a de categorias invariáveis para flexionais (*menos > menas*).

A gramaticalização pode ser *stricto sensu*, quando as mudanças abrangem formas que passam do léxico para a gramática, ou *lato sensu*, quando as mudanças ocorrem no interior da própria gramática.

Nas palavras de Neves (2006: 20), a gramaticalização é

um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo (...) exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se aplica pela interação entre motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele.

A autora observa que Meillet foi quem primeiro utilizou o termo e conceituou o processo como a atribuição de caráter gramatical a um termo antes autônomo e que isso acontece em um *continuum*. Observa que, nos casos em que se conhece a fonte primordial de uma forma gramatical, esta foi uma forma lexical. Neves (2006, *apud* Hopper & Traugott, 1993) esclarece que a gramaticalização pode ser entendida como o processo pelo qual itens lexicais e construções já gramaticais passam a servir, em contextos determinados, a funções gramaticais, e, mesmo gramaticalizados, continuam a desenvolver funções gramaticais novas. A autora salienta ainda que a característica essencial do processo é a perda de complexidade semântica, de liberdade sintática e de substância fonética; há, entretanto, ganho em significação morfossintática. Os três níveis afetados pela gramaticalização mantêm, em geral, uma ordenação cronológica em, respectivamente, processos funcionais (dessemantização, expansão, simplificação), morfossintáticos (permutação, composição, cliticização, afixação) e fonéticos (adaptação, fusão e perda).

Silva (1999) acrescenta que, ao levarmos em conta a gramaticalização do ponto de vista diacrônico, ou seja, do ponto de vista da mudança lingüística propriamente, tal processo é um fenômeno tipicamente unidirecional. O autor cita três tipos de manifestação dessa unidirecionalidade: o aumento da abstração do item em processo de gramaticalização; o seu esvaziamento ou perda do conteúdo

semântico; e o aumento da dependência sintagmática, chamado de descategorização. Fazemos, contudo, uma ressalva para o caso de verbos-suporte: se, no português arcaico, o verbo *fazer* já era empregado como verbo-suporte, isso prova que o fenômeno não é unidirecional. As construções já se realizavam naquela época (com verbo pleno, em expressões cristalizadas e como verbo-suporte). Em vista disso, o conceito de unidirecionalidade vem sendo revisto por muitos lingüistas, porém não vamos nos deter nesse aspecto.

Podemos observar, grosso modo, em nosso estudo, dois outros estágios do processo de gramaticalização: a reanálise, entendida como mudança de regra, ou seja, no nível sintagmático observamos o desenvolvimento de novas estruturas a partir das velhas; e a analogia ou generalização, que *evidencia a mudança, difunde e fixa (no uso) essas novas estruturas* (SILVA, 1999: 536).

Considerando o processo de gramaticalização por que passam itens e construções da língua, temos um tipo de construção verbo+nome em que se observa soldadura extrema entre os termos, constituindo um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário. Como exemplo de tal estrutura, retiramos do *corpus* a expressão *fazer ouvidos de mercador*, que significa não prestar atenção, fingir que não ouve. Por outro lado, existem construções com verbo pleno seguido de nome objeto direto ou indireto, que exercem papéis independentes e possuem individualidade semântica. Podemos citar exemplos retirados do *corpus*, como *fazer isso* ou *fazer alguma coisa*.

No intermédio entre essas duas estruturas, encontramos aquelas formadas por verbo-suporte, o qual funciona como instrumento morfológico e sintático na formação do predicado, e um nome, que, somado a tal verbo, configura o sentido do todo e determina os papéis temáticos da predicação (NEVES, 1996). Vejamos as particularidades dos verbos chamados “suporte” pensando nos seguintes questionamentos: quais são as propriedades formais da construção com verbo-suporte? Quais os critérios que se pode adotar para considerar um verbo como verbo-suporte?

## CAPÍTULO 2: Os verbos-suporte

Assim como Neves (2006), assumimos como ponto de partida para o estudo lingüístico a multifuncionalidade dos itens implicada pela não-biunivocidade entre forma e função. Dessa forma, a descrição das estruturas não se limita a uma descrição sintático-gramatical, mas abrange as regularidades que permitem organizar e descrever os enunciados que se encontram na língua em funcionamento.

Para situar o estudo dos verbos-suporte no interior de uma proposta de base funcionalista, pensamos, primeiramente, na predicação. Castilho (1994) postula a existência de duas relações sintáticas de base: a **predicação**, relação marcada pela concordância, e a **complementação**, relação não-marcada pela concordância. Dessa forma, a predicação é entendida como a relação de um predicador e seu sujeito (expresso à direita do verbo) e a complementação, como a relação entre o predicador e seus argumentos internos (expressos à esquerda do verbo). A predicação tem a função de adicionar propriedades semânticas novas aos referentes do enunciado, sem, contudo, alterar as propriedades já existentes.

Segundo Borba (1996: 13), para efetuarmos a análise, devemos tomar como ponto de partida a parte da referência, que todo signo lingüístico possui. Seguindo esse raciocínio, entendemos que a atividade verbal pressupõe objetivos centrados em um núcleo comunicativo, ou seja, em um predicado. Desse modo, falar é predicar e o predicado representa o centro da organização oracional. Em dada seqüência, primeiramente procuramos a unidade ou a classe paradigmática que preenche as funções de predicado para, em seguida, identificarmos o número de *casas vazias* que tal unidade na função de predicado contém. O autor denomina tais *casas vazias* de *argumentos*. Segundo Borba (1996:14), *porque a função predicado é uma seleção, pode-se concentrar o ato comunicativo numa simples predicação (...) enquanto a análise sintática parte da referência, a semântica analisa a própria referência.*

De acordo com Neves (2006: 49),

embora discursivamente determinado, o processo de construção das orações é essencialmente gramatical, temos de seguir para determinações que, nesse nível, tendo como centro o verbo, acionam estruturas de predicado (blocos de construção mais básicos no nível morfossemântico de organização lingüística) e um conjunto de termos (as expressões que podem ser usadas para referência a unidades de um dado mundo), os quais, inseridos nos predicados, formam as predicções.

De acordo com Pezatti *at al* (s/d), um dos princípios mais relevantes para a teoria funcionalista é a organização da estrutura da oração em camadas superpostas. Essa proposta é de S. Dik, para quem tais camadas ou níveis são ordenados hierarquicamente na estrutura subjacente da oração. O nível mais baixo é, então, formado pelo predicado e seus argumentos, ou seja, entidades de primeira ordem imediatamente solicitadas pelo verbo predicador, o que constitui a predicção nuclear que pode, ainda, ser expandida por satélites opcionais. Dentro dessa estrutura de predicção, o verbo predicador seleciona os argumentos que imediatamente o sucedem.

Podem ocorrer, segundo Neves (2006), casos em que se perturba a relação entre o nível de organização estrutural no sentido de tipos funcionais e o nível das relações sintático-semânticas. Nesse caso, a estrutura realizada pode apresentar alterações operadas por determinados mecanismos acionados pelos falantes na busca de efeitos semântico-discursivos diversos. Um desses mecanismos é a *dissimilação*, ou seja, quando o valor semântico do verbo repete o valor do primeiro argumento à direita do verbo, utiliza-se um verbo semanticamente mais neutro como núcleo verbal do predicado. Ela cita o exemplo *beber uma bebida > tomar uma bebida*. Esse mecanismo produz nosso objeto de estudo: o verbo-suporte.

Entendemos que os verbos-suporte operam uma seleção diferente na estrutura do predicado, pois não se trata tão somente de verbos predicadores exigindo complementos na estrutura do predicado da oração. Eles vêm acompanhados de um sintagma nominal que não funciona como seu argumento, mas faz parte da estrutura do verbo predicador. Dessa forma, é o conjunto verbo-suporte/sintagma nominal que pode vir a requerer complementos no sentido dos



argumentos acima apresentados. De acordo com Pezatti (1996: 299), nas construções com verbo-suporte,

os SNs não podem ser considerados verdadeiros objetos, já que não são afetados e individuados (...), mas complementos de verbos-suporte. Nessas construções, o verbo em si marca apenas tempo e aspecto e serve para introduzir uma espécie de predicativo que veicula o maior conteúdo semântico e que, embora ocupe a posição de objeto, não participa da estrutura argumental.

Entendemos, então, que o elemento que ocupa a posição de objeto direto na construção com verbo-suporte não funciona como tal, ou seja, não é um verdadeiro objeto, e forma uma unidade com o verbo. Dessa forma, fica para o SN complemento do verbo predicador a responsabilidade de trazer a informação nova e mais relevante, que, dentro da estrutura argumental preferida da sentença, fica a cargo dos elementos à direita do verbo, preferencialmente dos objetos.

Segundo Du Bois (1987, *apud* Pezatti, 1996), a gramática acaba por codificar melhor aquilo que os falantes usam mais, sendo, então, necessário investigar quais os padrões lingüísticos mais usados, ou seja, qual é a estrutura argumental preferida de uma dada língua em uma dada situação de comunicação. Segundo Pezatti (1996: 283), a estrutura argumental preferida *não é concebida como uma estrutura sintática por si mesma, mas como uma preferência discursiva mensurável por meio da estrutura sintática.*

Ressaltamos que não trabalhamos com a estrutura argumental preferida, apenas a mencionamos para dar conta do tipo peculiar de organização da estrutura argumental dos verbos-suporte. Uma vez delimitada a estrutura argumental da construção suporte, passamos a uma definição mais completa da construção.

São considerados verbos-suporte (GROSS e VIVÈS, 1986; GIRY-SCHNEIDER, 1986, *apud* NEVES, 2002; 2006) aqueles que não constituem sozinhos o núcleo do predicado, passando a depender do argumento que os acompanha para ter sentido completo. Dessa forma, o núcleo do predicado é formado pelo verbo-suporte seguido de um nome ou de um sintagma nominal. A definição de verbo-suporte respalda-se no fato de que o verbo dá suporte às

categorias gramaticais de tempo, de modo, de número e de pessoa e de que a posição do objeto direto é ocupada por um sintagma nominal que vai de não-referencial, nos casos mais prototípicos, até atingir certos graus de referencialidade, por exemplo, quando o tempo do verbo é perfectivo (NEVES, 2006).

Como exemplo de um caso prototípico, Neves (2006: 63) cita: *ele não pode fazer uma síntese sem fazer antes uma análise*, em que a posição de objeto direto é preenchida por um sintagma nominal não-referencial, ou seja, é indeterminado pelo artigo. A autora postula, então, que, a partir daí, ocorre uma gradação na referencialidade do sintagma nominal, dependendo, por exemplo, do tempo verbal. Na construção *Agora... João fez uma pergunta*, embora o sintagma nominal possa ser considerado não-referencial, o tempo verbal no pretérito perfeito torna mais referencial o objeto por causa da perfectividade apresentada por esse tempo, ou seja, a completude da ação.

De acordo com a autora, a escolha de um verbo-suporte em detrimento de um verbo pleno *revela busca de obtenção de sentidos particulares, explicando-se por necessidades ou ganhos funcionais* (2006: 64). Para o funcionalismo, a existência de formas alternantes na língua traz alternativas funcionais e semânticas para que o falante se expresse. Dessa forma, a escolha do falante por determinada alternativa depende do efeito particular que esteja buscando. A autora aponta, ainda, ganhos comunicativos, tais como:

- (a) obtenção de maior versatilidade sintática, por exemplo, pela possibilidade de adjetivação do nome;
- (b) obtenção de maior precisão semântica, por exemplo, por acentuação de um determinado papel semântico de argumento;
- (c) obtenção de maior adequação comunicativa, por exemplo, pela marcação de registro;
- (d) obtenção de efeitos na própria configuração textual, por exemplo, pela disponibilização de um nome para remissão textual. (NEVES, 2006: 64)

Neves (1996) discute os ganhos comunicativos que a construção verbo-suporte + sintagma nominal traz para a estruturação do complemento verbal como

um todo. A obtenção de maior versatilidade sintática, por exemplo, pode ser percebida quando ocorre a adjetivação do nome que acompanha o verbo-suporte para qualificar ou classificar, o que uma construção com verbo pleno e advérbio não atinge. Observemos os exemplos extraídos do *corpus*:

(1) ...estamos *fazendo os primeiros ensaios* do que será a humanidade.  
(Ed. 1975 / 31-08-07)

(2) ...o presidente da República *faz uma barganha vergonhosa*. (Ed. 1973 / 22-08-07)

(3) O DEM só tem o governo do Distrito Federal, é hoje praticamente um partido do Congresso e, assim, pode *fazer um discurso mais duro, fazer uma oposição mais radical*. (Ed. 1974 / 5-09-07)

Em (1), observamos que o emprego do verbo-suporte permite que o sintagma nominal, doravante SN, *os ensaios*, seja o escopo de incidência de *os primeiros*, o que o verbo *ensaiar* não possibilitaria, pois, em *ensaiar primeiramente, primeiramente*, seu escopo de incidência é o verbo *ensaiar*; trata-se, portanto, de um advérbio.

O mesmo se pode observar em (3), em que os escopos de incidência dos SNs *mais duro* e *mais radical* são *discurso* e *oposição*, respectivamente, ao passo que, nas construções com os respectivos verbos-plenos, *discursar duramente* e *opor-se radicalmente*, temos como escopo de incidência os verbos plenos *discursar* e *opor-se*.

No exemplo (2), temos uma caracterização de *barganha* como *vergonhosa*, caracterização que não seria possível com o verbo pleno *barganhar*, pois, em *barganhar vergonhosamente*, o advérbio determina a ação verbal tão somente e não incide sobre o substantivo *barganha*.

Neves (1996) também observa que a construção com verbo-suporte, justamente pela possibilidade de determinação proporcionada pela versatilidade sintática da construção, permite a possessivização reflexiva, quando o nome

(doravante N) ou SN que acompanha o verbo-suporte é correferencial ao sujeito desse mesmo verbo: *fiz **minhas** amigas* conheci os professores o ambiente escolar (...) (NEVES, 1996: 215). Há, também, a possibilidade de quantificar as grandezas expressas pelos Ns ou SNs da construção, ao passo que, na construção com verbo pleno, o advérbio apenas intensificaria a ação, processo ou estado por ele expresso, como demonstramos em (1) e (2). Outra vantagem é a adjunção de uma oração relativa para restringir o N que atua na construção com verbo-suporte, como em: *alguns fazem pesquisas **que gostam*** (NEVES, 1996: 216).

A construção com verbo-suporte possibilita, ainda, reduzir a valência do predicado, ou seja, como um nome se detransitiva mais facilmente que um verbo, uma construção do tipo verbo-suporte + SN dispensa o uso de um complemento de especificação, que necessariamente acompanharia o verbo pleno.

Neves (1996) afirma que outra característica da utilização de verbos-suporte é a adequação de registro, ou seja, a construção com verbo-suporte + SN é mais usual e próxima da fala coloquial. Com isso, obtêm-se certos efeitos pragmáticos pela própria natureza dos nomes que acompanham o verbo, ou seja, os nomes podem marcar semanticamente situações informais, o que o verbo pleno não faz. Segundo a autora, o uso de determinados verbos-suporte, como o verbo *fazer* aqui estudado, também sugere *gestos, movimentos, atitudes, intenções que configuram mais propriamente ações, processos e estados verbalizados* (NEVES, 1996, p. 219). Temos, por exemplo, construções como *soltar um grito* e *dar risada*, em detrimento de *gritar* e *rir*.

Ainda segundo a lingüista, construções com verbo-suporte contribuem para um maior grau de informatividade da sentença, uma vez que a parte gramaticalmente mais complexa e densa em termos de informação deve ser deixada para o final, ou seja, o predicado será mais complexo, pois tem maior carga informativa. Temos, na verdade, o princípio da iconicidade, em que o peso da substância fônica serve à informatividade.

Quanto à obtenção de maior precisão semântica, levamos primeiro em consideração que duas construções formalmente diferentes, ainda que correspondentes, carregam resultados semânticos distintos, ou seja, construções com verbo-suporte e seu respectivo verbo pleno apresentam resultados diferentes.

As construções com verbo-suporte configuram mais precisamente o estado de coisas expresso pela construção, ou seja, definem melhor a natureza semântica do predicado, se de ação, processo ou estado. Nesse sentido, tais construções também podem acentuar um determinado papel semântico de argumento, visto que o SN admite, em sua estrutura, preposições, por exemplo; ou, ainda, configurar um aspecto verbal particular, como em *dar uma fugidinha* ou *dar uma rápida olhada*, em que os respectivos verbos plenos *fugir* e *olhar* não caracterizariam a situação com a mesma ênfase que se obtém com o verbo-suporte. Podemos observar no *corpus*, que traz exclusivamente construções-suporte com o verbo *fazer*, que tal verbo é o representante prototípico da expressão de ação, o que torna transparente esse traço semântico no predicado.

Neves (1996) afirma que os verbos-suporte são entendidos, em um primeiro momento, como verbos semanticamente vazios, que são preenchidos por um N ou SN em relação de paráfrase com um determinado verbo, como *dar uma olhada* em relação a *olhar*. Há, contudo, construções dessa natureza que não possuem correlatos semânticos constituídos por um verbo simples, por exemplo, *fazer ginástica* ou *dar trabalho*, que podem ser substituídos por outras formas de carga semântica semelhante. A esses nomes sem verbos plenos correspondentes, Ranchhod (s/d) e Chacoto (1996) denominam *predicados nominais autônomos* e *nomes autônomos*, respectivamente.

Os verbos chamados suporte, embora marquem sintaticamente tão somente tempo e aspecto e introduzam o nome predicante, possuem determinadas particularidades que os distinguem de verbos plenos comuns (NEVES, 1996).

A primeira delas diz respeito ao fato de que há restrições sobre os determinantes do nome objeto que acompanham o verbo-suporte, no sentido de que é impossível acrescentar um complemento do tipo *de + nome humano* ou possessivo ao SN que serve de complemento ao verbo-suporte. Esse comportamento sintático evidencia que o N que acompanha o verbo-suporte não tem referente próprio: *\*(...) ele é obrigado a **fazer estágio de Maria** em todas as especialidades* Neves (1996: 204). Por outro lado, se modificarmos o complemento da construção-suporte para [-humano], a sentença faz sentido: *Ele é obrigado a **fazer estágio de educação física** em todas as modalidades.*

A segunda particularidade é a análise dupla do complemento do verbo, ou seja, do N que acompanha o verbo-suporte seguido de preposição e outro nome. Pode-se, então, ter a clivagem com duas possibilidades de extração dentro da estrutura *é* → *que*. Esse critério, ao transformar um período simples em composto, avalia se o complemento do N que acompanha o verbo-suporte é complemento de todo o conjunto por ele formado. Observemos o exemplo retirado de nosso *corpus*: *O homem quando **faz leis, faz leis para si mesmo*** (Ed. 1981 / 17-10-2007). Podemos clivar esse exemplo de duas maneiras: (i) *São **leis que o homem faz para si mesmo***; e (ii) *São **leis para si mesmo que o homem faz***.

A terceira e última distinção que fazemos é a possibilidade de formar um grupo nominal com o apagamento do verbo em uma estrutura do tipo *de* + *SN*, o que corrobora o fato de que construções com verbo-suporte são a fonte de nominalizações (GIRY-SCHNEIDER, 1986, *apud* NEVES, 1996). Observemos o exemplo: *Então **fizemos uma negociação, devagarinho, com consenso*** (...) (Ed. 1992 / 09-01-2008), em que podemos extrair o grupo nominal *nossa negociação*.

Neves (2002) ressalta, ainda, que o falante da língua escolhe primeiro o N e, depois, o associa a um verbo, ou seja, que há uma hierarquização na organização dos termos como elemento determinante e determinado e isso acontece tanto com verbos-suporte quanto com verbos plenos. É importante ressaltar que há casos em que nem todos os critérios são passíveis de aplicação pela própria constituição dos termos da construção, o que, contudo, não invalida a análise dos verbos como suporte. Observamos, portanto, que,

quando duas (ou mais) palavras lexicais ocorrem sistematicamente no mesmo contexto, a ponto de a escolha de uma funcionar como gatilho para a escolha da outra, uma delas seguramente se despe mais que a outra de seu estatuto lexical, isto é, caminha mais que a outra em direção a um estatuto gramatical. E, a partir daí, emerge a questão central, que é o grau em que um conjunto de unidades pode ser redefinido como uma única unidade lexical (NEVES, 2002: 189,).

Segundo Neves (1996), as relações que se estabelecem entre o verbo-suporte e o complemento nominal que o acompanha não visam à criação de objetos

referentes no mundo. Observa-se essa particularidade principalmente nos casos mais prototípicos, em que o nome que segue o verbo-suporte vem sem determinante. O estabelecimento de referencialidade nessas construções tem determinados condicionantes, entre eles podemos citar o tempo perfectivo ou, ainda, um complemento referencial para o nome que segue o verbo-suporte.

Neves (1996) argumenta, ainda, que o verbo-suporte, que faz parte da construção aqui estudada, pode carregar o que denomina como densidade semântica, ou seja, ele contribui com determinada extensão aspectual para o sentido da construção como um todo. A autora cita como exemplo o verbo *fazer*, que pode ter como extensão: *multiplicar*, *reiterar*, *renovar* (aspecto iterativo) e *entabular* (aspecto incoativo).

O gerativista Radford (1988) propõe uma questão interessante que serviu para delimitarmos o universo dos verbos-suporte: como determinar a estrutura de constituintes de uma dada sentença em uma dada língua? Primeiramente, ele considera a intuição do analista a respeito do fenômeno investigado, porém tal intuição não-palpável é insuficiente para o estudo científico. Faz-se necessário, então, testes empíricos na estrutura das construções com verbo-suporte, capazes de testar se tal estrutura lingüística forma um constituinte da sentença ou não<sup>1</sup>.

O autor propõe uma série de testes para corroborar ou não a intuição do lingüista com relação aos constituintes de uma sentença. São eles: (i) a distribuição para testar se o constituinte em questão pode ser substituído por outro de mesma natureza; (ii) a anteposição ou a posposição do constituinte na sentença, sem acarretar perda de sentido; (iii) a intercalação de advérbios; e (iv) a coordenação com um outro constituinte do mesmo tipo. Lembremos, porém, que os testes propostos foram por ele aplicados na língua inglesa. Além disso, gostaríamos de salientar que, embora Radford seja um gerativista, não assumimos aqui a teoria gerativa como base para nossas análises, mas a teoria funcionalista. Apenas aproveitamos aqui a sistematização, típica do gerativismo, realizada pelo autor para

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que não defendemos aqui a mescla de teorias, no caso, a funcionalista e a gerativista. Pelo contrário, adotamos a teoria funcionalista como base teórica para o presente trabalho e aproveitamos, seguindo os passos de Neves (1998; 2002), um preceito sistemático de uma das obras de Radford (1988) como um dos instrumentos de análise.

testarmos se as estruturas com as quais trabalhamos podiam, de fato, ser consideradas um constituinte no sentido em que propusemos anteriormente.

Neves (2002) propõe a utilização dos testes de Radford para distinguir as construções de verbo-suporte das construções cristalizadas, que possuem um estatuto de unicidade, e as três particularidades da construção-suporte por ela apontadas para distinguir as construções com verbo-suporte das construções com verbo pleno, as duas últimas situando-se nos extremos do *continuum*. A autora inicia os testes com o elemento na posição de objeto do verbo e, posteriormente, com a construção toda.

O primeiro teste de Radford (1988) verifica se o elemento levado em consideração tem a mesma distribuição, ou seja, se pode ser substituído por outro elemento do mesmo tipo. Se isso for possível, então se trata de um sintagma relevante. Neves (2002) testa primeiro o SN do verbo-suporte e verifica que há essa possibilidade de substituição, como atesta o exemplo *Tenório dá **uma olhada [uma espiada]** no jornal*. As expressões cristalizadas, contudo, não permitem tal substituição: *Dona Caropita deu **as costas [deu as?]**, foi-se embora às pressas*. Dessa forma, o elemento que serve de objeto para um verbo-suporte é um SN, o que não acontece com o elemento nominal de uma expressão cristalizada.

Ao aplicar o mesmo teste em toda a expressão, a autora verifica, entretanto, que tanto as construções de verbo-suporte + SN, quanto as cristalizadas podem ser substituídas por um verbo pleno. Dessa forma, as expressões como um todo compõem *conjuntos para os quais os dois elementos contribuem, sintática e semanticamente* (NEVES, 2002: 197).

Outro teste proposto por Radford (1988) é o da mobilidade, ou seja, verificar se o elemento admite ser anteposto ou posposto ao verbo. A aplicação desse teste por Neves (2002) obtém os mesmos resultados do anterior: o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte é um constituinte, pois admite anteposição, que, embora um pouco estranha, é aceitável do ponto de vista gramatical, caracterizando um SN; por outro lado, o elemento nominal que acompanha a expressão cristalizada não admite essa anteposição. Observemos os exemplos retirados de Neves (2002) de construção-suporte e expressão cristalizada, respectivamente: *Tenório **uma olhada dá** no jornal* e *\*Acho que vou **um pulo dar** até a casa do tio Baltazar*. Apesar



de as construções não se comportarem da mesma forma, ou seja, de o elemento nominal não poder ser anteposto ao verbo nas construções cristalizadas e de o elemento nominal das construções-suporte admitir anteposição, as construções, como um todo (verbo + SN), comportam-se globalmente, ou seja, são passíveis de anteposição: **Dá uma olhada** no jornal *Tenório*; **Dar um pulo** na casa do tio Baltazar acho que vou.

Um terceiro teste verifica se o elemento pode servir como fragmento de oração. Se isso ocorrer, ele é um constituinte sintagmático. Novamente, verificou-se que o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte admite essa possibilidade, mas não o elemento nominal da expressão cristalizada. Observemos um dos exemplos de Neves para cada caso, respectivamente: *Deu uma olhada? Não, uma escutada*; *Vai dar um pulo? Não, [...?...]*. O teste aplicado ao conjunto verbo + elemento nominal, em ambos os casos, também mostrou resultados semelhantes: **Dá uma olhada? Não, escuta**; **Vai dar um pulo lá? Não, vai ficar**.

O teste seguinte verifica se o elemento admite coordenação com outra cadeia de elementos. Se assim for, ambas as cadeias coordenadas são da mesma natureza sintática. Como já verificado, o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte é um SN e, portanto, admite coordenação, como em *Tenório dá uma olhada no jornal e uma escutada*. O mesmo não é possível com o elemento nominal que forma a expressão cristalizada: *Dona Caropita deu as costas e as ?, foi-se embora às pressas*. O conjunto das expressões se comportou, novamente, de maneira global.

O quinto teste verifica se o elemento pode servir como constituinte compartilhado. No caso do verbo-suporte, isso acontece como em **dá – e não recebe – uma olhada**, o que atesta o carácter de constituinte do verbo-suporte. O mesmo não se verifica para com as expressões cristalizadas, cujos elementos apresentam soldadura entre o verbo e o elemento nominal. Esse teste não pode ser aplicado com o conjunto verbo + objeto, por se tratar de sintagma verbal.

Mais um teste proposto por Radford (1988) é o da possibilidade de o elemento ser substituído apropriadamente por uma proforma<sup>2</sup> ou servir como antecedente de uma proforma. Se isso ocorrer, ele é um sintagma do mesmo tipo que a proforma. De acordo com Negrão *et al.* (2003), as proformas só podem substituir constituintes sintáticos. Desse modo, se uma seqüência de palavras pode ser substituída por uma proforma, estamos diante de um constituinte sintático. Para os objetivos desse trabalho, entendemos a substituição do constituinte por proforma estritamente como *pronominalização*.

Esclarecendo o termo proforma no contexto pesquisado, para Radford o termo pronome, largamente utilizado pela gramática tradicional, não é apropriado, uma vez que os pronomes não se referem tão somente a nomes antes mencionados, mas a sintagmas completos. Dessa forma, Radford (1988) acredita que é mais apropriado o termo proforma em detrimento de pronome por estarmos tratando de sintagmas completos. Como em seu teste Radford considera somente os casos de proforma pronominal, o respectivo teste, portanto, não terá aplicabilidade para a análise em questão, uma vez que, em língua portuguesa, verbos não podem ser retomados por pronomes.

Corroborando o que foi dito acima, Neves (2002) verifica a impossibilidade de substituição do elemento nominal tanto em construções com verbo-suporte quanto em expressões cristalizadas, por uma proforma pronominal. No caso dos complementos nominais de verbo-suporte, não funcionam simplesmente como argumentos do verbo, ou seja, não são imediatamente requisitados pelo verbo, mas funcionam como predicados no sentido de orientar um evento ou, ainda, de classificar ou de identificar um referente. No caso das expressões cristalizadas, o objeto não tem independência enquanto constituinte.

Outro teste aplicado por Radford (1988) que cabe aqui destacar é verificar se o elemento admite elipse; se isso ocorrer, ele é um sintagma do tipo verbal. No caso

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, embora as proformas sejam comumente entendidas como proformas pronominais, há, também, proformas verbais, adverbiais e numerais que, assim como as proformas pronominais, também são de reduzido valor semântico e têm por função retomar ou anteceder um componente. Observe os exemplos: *João e Marcos são primos. Ambos cursam medicina* (proforma numeral); *Maria vai ao cinema todas as terças-feiras. Joana faz o mesmo* (proforma verbal); *O Papa foi ao Afeganistão semana passada. Lá houve muita manifestação contrária a sua visita* (proforma adverbial).

do verbo-suporte, Neves (2002) verifica que essa é uma possibilidade apropriada, como em *Tenório dá uma olhada e ela uma escutada*. O que não se verifica para as expressões cristalizadas.

Neves (2002) faz as seguintes observações a respeito das situações analisadas: para o elemento nominal objeto do verbo, o comportamento nas construções analisadas foi oposto (nas construções suporte trata-se de um SN; nas expressões cristalizadas, o elemento nominal apresenta soldadura com o verbo, não podendo ser considerado um SN). Enquanto nas expressões cristalizadas esse elemento não é um constituinte, ou seja, não tem autonomia, compondo um todo com o verbo, nas construções com verbo-suporte tal elemento se comporta como SN, isto é, como constituinte da oração. Por outro lado, os resultados da observação de tais construções, como um todo, mostraram-se idênticos: tanto as expressões cristalizadas quanto as construções com verbo-suporte são constituintes da oração enquanto sintagmas verbais. Além disso, compartilham a condição de equivalência semântica com um verbo pleno, ou seja, podem ser substituídas por um verbo simples, pois têm unicidade semântica, corroborada pelo fato de que a soma dos significados das partes não corresponde ao significado do todo da construção.

Ao observarmos que as construções com verbo-suporte aqui estudadas eram constituintes da oração e podiam, além disso, necessitar ou não de outros argumentos, acreditamos que a definição de *argumento* se fez necessária para o melhor entendimento do fenômeno que analisamos. Dessa forma, apresentamos uma proposta de abordagem para os argumentos do verbo.

Partindo de uma perspectiva com bases funcionalistas, Ignácio (2002)<sup>3</sup> apresenta uma abordagem sintático-semântica da oração pautada em sua estrutura argumental. O autor entende como estrutura argumental o conjunto formado pelo verbo, considerado a parte central da oração ou o elemento predicador, e os elementos obrigatórios, ou seja, os argumentos que determinado verbo seleciona. Assim considerada a oração, temos o sujeito como actante de primeiro grau, isto é,

---

<sup>3</sup> Borba (1996), em *Uma gramática de valências para o português*, apresenta os casos semânticos para traduzir e/ou representar as relações temáticas entre verbo (predicador) e seus argumentos internos (complementos, prototipicamente, à direita do verbo) e externos (complemento prototipicamente à esquerda, ou seja, o sujeito) dentro da proposta da gramática de casos.

o argumento principal imediatamente solicitado pelo verbo. Segundo essa teoria, a valência verbal é determinante da estrutura da oração, ou seja, cada verbo exige um número determinado de elementos.

Ignácio (2002) parte da *Gramática de Casos*, de Filmore (1971), e da proposta de Tesnière (1969; 1953), que considera actantes os elementos que funcionam como complementos do verbo e que comumente conhecemos como sujeito, objeto direto e indireto. Aos adjuntos adverbiais, chamou circunstantes e, ao agente da passiva, chamou contra-sujeito. O autor reconhece a predominância semântica do sujeito, daí considerá-lo actante de primeiro grau; o objeto direto é considerado actante de segundo grau e o objeto indireto, actante de terceiro grau. Todos são, entretanto, argumentos do verbo. Partindo dessa noção de argumento, o autor apresenta os casos semânticos que podem ser atribuídos aos argumentos do verbo, por exemplo, *agente, beneficiário, origem, instrumental, meta*, entre outros. O funcionalismo utiliza, então, a proposta da Gramática de Casos ao considerar em suas análises os casos semânticos.

Scher (2003; 2004), que também estuda as construções com verbo-suporte, observa semelhanças e diferenças entre tais construções e as expressões aqui chamadas cristalizadas. Ela aborda outras propriedades que esses verbos apresentam na constituição do predicado, além de estudar a natureza dos verbos em questão. Ela salienta que, ao contrário de verbos plenos, os verdadeiros responsáveis pelas associações temáticas de uma construção com verbo-suporte são os elementos nominais que os compõem, formando o que a autora chama de predicados complexos.

Ela denomina as construções com verbo-suporte como construções com verbo leve e tece considerações a respeito da utilização do verbo leve *dar*. Segundo ela, tais construções são muito produtivas no português do Brasil e se formam a partir do verbo-suporte (ou leve) *dar*, acompanhado de nominalizações diversas, formadas a partir de diferentes raízes e que derivam, ainda, verbos transitivos, intransitivos inacusativos ou inergativos, verbos de alternância ergativa e verbos que não selecionam argumentos. Em sua pesquisa, ela analisa as construções formadas pelo verbo-suporte *dar* associado a uma nominalização em *-ada* e aponta os casos em que há restrições semânticas quanto à formação de construções desse tipo,

levando em consideração o importante papel da natureza aspectual do predicado no processo.

Ela observa, ainda, algumas propriedades das construções com verbo-suporte a que se propõe estudar, propriedades já mencionadas anteriormente por Neves (1996; 2002): a) podem ser parafraseadas por um verbo de mesma raiz da nominalização que acompanha o verbo-suporte; e b) o elemento nominal que acompanha o verbo pode ter a mesma raiz de um verbo ou de uma outra forma nominal. As construções que a autora se propõe estudar denotam eventualidades, o que pode ser entendido, na perspectiva de seu trabalho, como *estados*, *atividades* ou *eventos*.

A autora apresenta possibilidades de interpretação para os tipos de sentença que pesquisou e conclui que tais construções podem ser descritas de modo bastante sistemático. Uma das possíveis interpretações para o conjunto verbo-suporte *dar* seguido de uma nominalização em *-ada* é o de *um pouco*, como podemos perceber no exemplo: *dar uma emagrecida*, em detrimento de *emagrecer*. Ela denomina essa interpretação para o verbo-suporte *dar* como princípio de diminutivização ou minimização, ou seja, a eventualidade se realiza por menos tempo ou não se realiza completamente. Observamos que essa é uma questão aspectual, uma vez que a autora utiliza pressupostos aspectuais para delimitar as construções que pesquisou.

De uma forma geral, a construção com verbo-suporte tem sentido aproximado ao do verbo pleno derivado da nominalização, o que nos levaria a concluir que a contribuição semântica do verbo *dar* é quase nula. Ao observarmos construções como *dar uma explicada*, em detrimento de *dar uma explicação* ou mesmo de *explicar*, notamos, contudo, que somente a primeira carrega a idéia não-pontual de *explicou um pouco*. A autora atribui esse fato à nominalização em *-ada*, que forma o SN da construção em questão.

Outra particularidade a ser observada quando temos, por um lado, construções com verbo-suporte e, em contrapartida, suas paráfrases com um verbo pleno, é que somente estas últimas implicam a realização por completo da eventualidade. Por exemplo, *deu uma varridinha* é diferente de *varreu*, pois este denota que algo foi varrido por completo, enquanto aquele denota que se varreu algo rapidamente e não por completo, ou seja, foi *um pouco varrido*. A autora

considera que, nessas construções com verbo-suporte *dar*, acontece o que doravante denominou diminutivização, isto é, um predicado antes atélico (processo sem culminância) torna-se télico (acabado) e breve, admitindo a modalização por *um pouco*. O mesmo não acontece, por exemplo, com as expressões cristalizadas, nas quais a soma dos significados das partes não contribui para a constituição do significado do todo e que, além disso, não admite modalização ou intercalação de qualquer elemento, como vimos anteriormente nos testes propostos por Radford (1988) e aplicados por Neves (2002) ao português.

Scher (2004) observa, ainda, que o traço estaticidade não aparece nas construções com verbo-suporte, afinal não existe possibilidade de uma eventualidade ser *um pouco estática*, como relata a autora. Predicados como *acreditar no que o pai disse* e *amar seus filhos*, além de estáticos, durativos (ocorrem em um intervalo de tempo) e atélicos (não têm um limite final, ou seja, é um processo sem culminância), não possibilitam a formação de construções com verbo-suporte. Por outro lado, eventualidades não-estáticas, durativas, como *varrer a sala* ou *emagrecer*, e atélicas, como *andar de bicicleta*, não oferecem restrições para a formação de tais construções com o verbo-suporte *dar*.

Ao testar suas hipóteses, Scher (2004) confirma que o traço durativo caracteriza as construções que estudou, pois é sempre possível identificar um intervalo, ainda que pequeno, de tempo em que a eventualidade se realiza. Por seu turno, o traço instantaneidade aparece como restrição à formação de construções com o verbo-suporte *dar*.

Outra observação importante quanto ao traço durativo é que os traços télico ou atélico do verbo que originam a nominalização, e que devem permanecer inalterados quando da formação da construção com verbo-suporte, só serão afetados, bloqueando, desse modo, a formação da construção com verbo-suporte, se o verbo original não apresentar o traço durativo. Uma vez que a telicidade do verbo original se mantém quando tal verbo possui o traço durativo (verbos como *passar, empurrar, varrer*), a formação da construção com verbo-suporte está assegurada. A autora esclarece que o único caso em que a telicidade do predicado original atrapalha na formação de construções com verbo-suporte se dá na

telicidade que denomina intrínseca, ou seja, que constitui um estado ou seu resultado alvo, cuja completude é irreversível.

Scher conclui que os traços que verdadeiramente impedem a formação de uma construção com verbo-suporte são: a estaticidade e a telicidade intrínseca. Quanto à instantaneidade, ela assevera que, em alguns casos em que o verbo é télico, como *tossir* e *soluçar*, ou atélico, como em *abrir a porta*, mas não intrinsecamente télico, as construções com verbo-suporte são possíveis.

A autora apresenta algumas observações para as construções com verbo-suporte que estudou. Para ela, como exposto anteriormente, a construção formada pela fórmula *dar uma X -ada em Y*, em que X representa a raiz que deu origem à nominalização e Y o complemento exigido por esta, pode ser parafraseada por um verbo pleno, muitas vezes o mesmo verbo que originou a nominalização em questão. Embora as construções com verbo-suporte apresentem semelhanças com construções bitransitivas do português, elas não podem ser consideradas como tais. As construções com verbo-suporte não podem ser passivizadas e nem transformadas no foco de uma pergunta. Esta última assertiva, aliás, faz parte dos testes postulados por Radford (1988) para testar a estrutura de constituinte de um sintagma. No caso do trabalho de Scher, que estudou exclusivamente nominalizações em *-ada* como SN do verbo-suporte *dar*, e para todos os casos em que o SN que acompanha tal verbo tem origem em uma nominalização, a autora observa que o número de elementos que acompanha a construção depende do tipo de verbo que formou a nominalização, ou seja, se o verbo é transitivo direto ou indireto, ou intransitivo, e quantas casas argumentais cada verbo seleciona.

Para Scher, outra observação importante diz respeito ao tipo de preposição que segue as construções com verbo-suporte. Quando o verbo nominalizado for transitivo, como em *Os estagiários vão dar uma atualizada nos números*, quando a raiz da nominalização for outro nome, como em *Os homens deram uma paulada na cabeça da cobra*, e, quando o SN da construção com verbo-suporte for constituído de termo estrangeiro, como em (...) *dar um boot no computador*, a preposição utilizada em seguida à construção é *em*, com exceção dos verbos transitivos, que têm interpretação genérica, como em *dar uma lavada de roupa*.

Para as construções bitransitivas com o verbo *dar* pleno, por sua vez, a preposição que introduz o complemento pode ser *para* ou *a*, preposições estas que não acompanham construções com verbo-suporte, a não ser que a nominalização tenha a mesma raiz de um verbo transitivo indireto, caso em que a preposição que acompanha a construção com verbo-suporte é a mesma da raiz verbal, como em *dar uma telefonada pra Maria* e *dar uma conversada com o João*.

Vieira (s/d) também estudou construções com verbo-suporte ao tratar das predicções com verbo *fazer* em sua tese de doutoramento. A autora define verbo-suporte como

um subtipo de verbo, mais ou menos esvaziado semanticamente, que opera sobre uma forma/unidade não-verbal (freqüentemente, de natureza substantiva), atribuindo-lhe função predicante na estruturação da cláusula, e, assim auxilia a constituição de predicado complexo (Vsuporte + elemento nominal), cujo potencial léxico-semântico é definido principalmente pelo componente não-verbal. (VIEIRA, s/d)

A autora apresenta os graus de integração entre o verbo-suporte/funcional (ela trata o verbo-suporte de ambas as maneiras) e o respectivo SN. Há uma maior integração quando o SN apresenta as propriedades [- identificabilidade do referente], [-especificidade do referente] e [+função classificatória em relação ao verbo]; e há menor integração entre o verbo-suporte e o SN quando este último apresenta as propriedades [+identificabilidade], [+especificidade] e [-função classificatória].

A primeira propriedade (+ ou - identificabilidade do referente) tem a ver com a discussão proposta por Neves sobre a não-referencialidade das construções-suporte mais prototípicas. Quanto à segunda propriedade, Vieira postula que, nas construções com verbo-suporte, o foco da predicação é o processo verbal indicado por tal construção, e não a entidade particular expressa pelo SN. A terceira propriedade, por sua vez, diz respeito à função de classificar/especificar o evento, exercida pelo elemento nominal.

A autora observou, também, que, nos casos de maior integração do SN, menor é a possibilidade de retomada por pronome pessoal e que a idéia de



quantidade fica neutralizada, ou seja, embora o N apareça no singular ou no plural, não há oposição semântica singular/plural assinalada pelo elemento nominal. Ela observa, ainda, que os elementos que fazem parte do SN de um verbo-suporte, ainda que venham acompanhados de artigos definidos e/ou modificadores intensificadores, podem ter sua função referencial neutralizada, assim como o SN com artigo indefinido.

Levando em consideração tais observações, a autora organizou os tipos de construção encontrados no *corpus* de seu trabalho entre os graus de maior integração até o de integração nula. O caso de maior integração caracteriza-se pelas expressões que denominamos cristalizadas. Observamos, no entanto, que, para a perspectiva de nossa análise, expressões desse tipo não caracterizam construções-suporte, justamente devido à integração entre os elementos verbal e nominal.

As construções que ocupam o segundo, terceiro e quarto graus de integração no trabalho de Vieira são aquelas que consideramos de suporte. Segundo Vieira (2001: 587), são caracterizadas, respectivamente, como

2.º Construções cujo nome “predicante” não é, semanticamente, identificável ou específico e, formalmente, não é antecedido de determinante (artigo definido ou pronome) e nem é precedido ou seguido de modificador (adjetivo ou oração relativa);

3.º Construções em que há inserção de determinantes (artigo definido, pronome possessivo/demonstrativo), modificadores, quantificadores ou intensificadores, mas nas quais se percebe que o SN “pseudo-objeto”, apesar de apresentar algum grau de identificabilidade e especificidade, funciona para subcategorizar/especificar o processo verbal e não para focalizar a existência de determinado referente ou uma entidade particular;

4.º Construções com SN [+identificável] / [+específico] que podem ser ou não consideradas perífrases verbo-nominais.

A segunda categoria apresentada pela autora é aquela prototípica, em que o grau de referencialidade da construção é nulo, seja pela ausência de artigo, seja pela presença de artigo indefinido. Temos o exemplo, extraído do trabalho de Vieira (2001: 587): *O Sr. Beirão declarou que tencionava **fazer uma interpelação** sobre alcoces (...).*

A terceira categoria, embora apresente elementos especificadores de referentes (determinantes, modificadores, quantificadores), também não identifica um referente, como no exemplo (...) *os Estados podem **fazer a sua opção** entre a eleição indireta de governantes (...)*.

A quarta categoria apresenta construções-suporte em que o referente do SN é identificável e está especificado, como em *Quanto ao ministro Gama, através do porta-voz, **faz o habitual elogio socialista** ao desejado opositor de serviço (...)*.

No outro extremo, temos a quinta construção, a que apresenta grau nulo de integração e que é formada por verbos que denominamos plenos, pois conserva sua autonomia sintática e semântica.

Vieira (2001) também apresenta as funções do emprego de uma construção com verbo-suporte, funções essas já mencionadas anteriormente por Neves (1996; 2002; 2006), como a necessidade informativa e a versatilidade sintática, entre outras.

Scher (2003; 2004), Neves (1996; 2002) e Vieira (2001) apresentam as construções com verbo-suporte em diferentes perspectivas, mas que, em conjunto, complementam-se para uma melhor visão global da formação dessas construções que constituíram o objeto de estudo de nossa pesquisa.

À luz do que foi exposto e de hipóteses que levantamos a respeito das construções formadas por verbo-suporte + SN encontradas no *corpus*, na etapa seguinte apresentamos o enfoque sobre o verbo *fazer*, eleito como verbo-suporte para este estudo de caso. O objetivo se concentrou no seguinte questionamento: o verbo *fazer* como suporte traz alguma contribuição semântica para a construção em estudo? Seu emprego ocorre por mera substituição de um verbo pleno em relação de paráfrase (*fazer pesquisa/pesquisar*) ou de um verbo semanticamente relacionado (*fazer ginástica/exercitar-se*)?

### CAPÍTULO 3: O verbo *fazer*

Na construção verbo-suporte / SN, acreditamos que o verbo *fazer* aqui analisado desempenha importante papel para a semântica global da estrutura pesquisada. Por não acreditarmos que esse verbo, em construções-suporte fosse totalmente esvaziado de sentido, lançamos a hipótese de que o verbo *fazer* trazia contribuições de suas acepções canônicas como verbo pleno para a construção em que funciona como suporte. Para comprovarmos tal possibilidade, primeiramente, consultamos as acepções dicionarizadas de *fazer* para, posteriormente, verificarmos se as ocorrências de *fazer* como suporte no *corpus* pesquisado ainda guardavam marcas de sua(s) acepção(ões) como verbo pleno.

Primeiramente, é importante salientar a produtividade do verbo *fazer* na língua portuguesa. Segundo Cunha (1995), o verbo *fazer* está largamente documentado já no português medieval e foi abundantemente utilizado em todos os períodos da história da língua. O autor sublinha que

ele (o verbo *fazer*) ocupa o 3º lugar na ordem de frequência dos verbos do vocabulário do século XVI, o 4º lugar entre os verbos mais frequentes de *Os Lusíadas* e o 6º lugar entre os verbos mais frequentes do vocabulário do português contemporâneo do Brasil. Como outros verbos de elevada frequência em todos os períodos da história do vocabulário português, o verbo *fazer* apresenta-se no português medieval com numerosas e variadas acepções, quase todas comuns ao português de nossos dias. (CUNHA, 1995, p. 82)

Observamos alguns exemplos da utilização do verbo *fazer* no século XIV, selecionados no *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, organizado por Cunha (s/d), cujas construções parecem se aproximar das construções com verbo-suporte que analisamos:

➤ Nem avia cuidado de dar esmollas. Nẽ de hir a igreja nẽ de **fazer oraçom**. (séc. XIV, *Visão de Túndalo*)

- (...) a sexta [sc. arte] he a Musica que fala em como se devan mudar e mesurar as vozes dos cantos pêra **fazerem prazer ou desprazer** aaquelles que ouven (...) (séc. XIV, *A mais antiga versão portuguesa dos "Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório"*)
- (...) e choraram ã tal guisa que toda há çidade **fazia dôo** por ella. (séc. XIV, *Regra de São Bento*)
- (...) todos aquelles que hy estavõ **fazyam planto** e choravam. (séc. XIV, *Vida de Eufrosina*)

Uma vez que, de acordo com Cunha (1995), as acepções de *fazer* não mudaram muito ao longo do tempo, analisamos as definições tradicionais registradas pelo *Dicionário Aurélio* (1999), que apresenta o verbo *fazer* como transitivo direto; impessoal; transitivo direto e indireto; transitivo indireto; transitivo circunstancial; e intransitivo, além de listar algumas expressões idiomáticas utilizadas na língua. O verbo *fazer* também aparece em alguns contextos como transobjetivo, ou seja, uma espécie de verbo transitivo predicativo.

Observemos os sentidos contidos no verbo *fazer* transitivo direto: (1) dar existência ou forma a; produzir física ou moralmente; criar; (2) construir edificar; (3) fabricar, manufaturar; (4) produzir intelectualmente; escrever, compor, e ainda representar o papel de; (5) praticar, obrar, executar, realizar; (6) dar, produzir, executar; (7) aparar, cortar, ou mandar que o façam; (8) pintar, esculpir, gravar, ou talhar obra de arte; (9) proferir, enunciar, exprimir, formular; (10) dar origem a; ser causa de; produzir; (11) pôr em ordem, dispor, arranjar; (12) preparar, cozinhar; (13) trabalhar em; (14) dar, dispensar; (15) alcançar, conseguir, por influência ou empenho; (16) propiciar a formação, educação, instrução de; (17) inspirar, despertar, acordar no ânimo um sentimento; (18) formar, conceber; (19) tomar ou adquirir a forma de, formar; (20) dedicar-se a, consagrar-se a, sobretudo profissionalmente; (21) amearhar, juntar, economizar; (22) editar, lançar livro ou disco; (23) percorrer, andar, viajar; (24) ir às compras em, percorrer para fazer compras; (25) seguir o curso de, cursar; (26) comer; (27) funciona como verbo vicário, ou seja, é empregado para evitar a repetição de outro verbo já mencionado; (28) seguido de verbo no infinitivo, emprega-se como ser causa de, obrigar, constringer; (29) na linguagem popular significa expelir, excretar.

Como verbo impessoal, pode significar: *haver*, *existir* ou *ocorrer* (quando relacionado a estado atmosférico ou a fenômeno meteorológico) e *ter decorrido*, passado determinado período de tempo.

O verbo *fazer* como transitivo direto e indireto (ou bitransitivo) apresenta as seguintes acepções: (1) inspirar, despertar; (2) converter, reduzir; (3) causar, ocasionar; (4) dizer respeito, interessar; (5) conceder, tributar, prestar; (6) transformar, converter; (7) conseguir, obter.

Como verbo transitivo indireto, *fazer* apresenta as definições de: (1) importar, interessar; (2) dizer respeito, importar; (3) diligenciar, esforçar-se; (4) fingir, simular.

Borba (1991) apresenta uma proposta diferente para a caracterização de verbos em seu *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. Ele divide as acepções de acordo com a classificação sintático-semântica do verbo (de ação, processo, ação-processo, estado) no interior de determinado contexto e subdivide cada item com o(s) tipo(s) de complemento(s) e o(s) respectivo(s) caso(s) semântico(s) que cada uma das classificações anteriores pode requerer.

No caso do verbo *fazer*, o autor também considera sua utilização como *verbalizador*, termo que ele emprega para se referir às construções-suporte. Apresenta tão somente alguns exemplos desse uso do verbo, por exemplo, *fazer declaração*, *fazer convite*. Observamos nos exemplos que o autor considerou a construção mais canônica para o fenômeno, ou seja, verbo seguido de N ou SN não-referencial (sem artigos, definido ou não, ou modificadores, quantificadores etc.). O autor também apresenta um rol de expressões cristalizadas, as quais denomina apenas *expressões*, e seus respectivos sentidos na língua portuguesa.

Vieira (s/d) considera o verbo *fazer*, primeiramente, como verbo predicador (ao qual designa *Vpredicador*) que requer dois argumentos nucleares, cujas funções são *sujeito* e *objeto*. A predicação com o *Vpredicador fazer* traz, em seu arcabouço, as noções de ação e de causalidade, uma vez que o primeiro argumento exigido pelo verbo tem as características [+animado] [+controlador], ou seja, trata-se de um **agente**. Se considerarmos os casos semânticos que mencionamos anteriormente, os quais determinam se um certo estado de coisas ocorrerá ou não ao segundo

argumento, que se caracteriza por ser [-animado] e [+controlador], portanto **meta** ou **efeito**, este muda de estado ou passa a existir por causa da ação do primeiro argumento sobre o segundo. Sendo assim, o evento ativo/causativo que o *Vpredicador fazer* implica é caracterizado como [+controlador] e [+dinâmico] e pressupõe dois subeventos: um processo de mudança e um estado final.

A ação do agente em busca da alteração da meta pauta-se por intencionalidade: o **agente** objetiva a mudança no estado da **meta**, por responsabilidade, por contato direto e físico entre agente/meta. O agente toca, com seu corpo ou com algum instrumento, a meta, e por manipulação da condição física da meta. Borba (1991) chama o verbo *fazer*, nesse caso, de verbo que expressa ação-processo.

- (4) Diz-se que a transferência de vôos para outros aeroportos **vai fazer** o passageiro perder horas em congestionamentos em São Paulo. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (5) O que eu sei é que “nunca na história deste País” um presidente **fez** os ricos ficarem muito mais ricos. (Ed.1973 / 22-08-2007)

A configuração acima apresentada dá conta da estrutura prototípica do verbo *fazer* pleno, ou seja, de sua predicação transitiva, além de envolver referentes concretos, participantes do mundo real. A configuração do verbo *fazer* como suporte, por sua vez, guarda traços da predicação transitiva à medida que propicia um cenário de ação/processo no qual o elemento não-verbal incorporado exerce, nos casos mais prototípicos, função de qualificar/especificar o verbo *fazer* (VIEIRA, s/d).

- (6) Hoje em dia esse dinheiro **faz a alavancagem** da nossa economia. (Ed. 1995 / 30-01-2008)
- (7) A prefeitura **vai fazer a desapropriação** dessa área? (Ed. 1970 / 01-08-2007)

Ainda de acordo com Vieira (s/d), na construção-suporte o verbo *fazer* mantém o valor factivo, embora se apresente mais ou menos dessemantizado,

conferindo à construção valor abstrato, genérico e habitual de ação/atividade do estado de coisas que é definido, geralmente, pelo SN que o acompanha e denota a participação nesse evento de, pelo menos, uma entidade sujeito ativa.

Assim sendo, *fazer* suporta marca o SN com os traços dinamicidade e/ou controle, o que acaba por envolver um argumento com papel de *agente*, *força* e *causa*. Por isso, um nome que anteriormente não denotava ação pode passar a ser dinâmico, quando parte do SN de uma construção com o verbo-suporte *fazer*, por exemplo, *barba* > *fazer a barba*.

O verbo-suporte *fazer*, embora codifique as categorias de *tempo*, *modo* e *aspecto* da construção-suporte, não atua tão somente como um verbo auxiliar. Basta observarmos que, em alguns casos, podemos substituir o verbo-suporte *fazer* por outro verbo que também atua como suporte, como o verbo *dar*, por exemplo, e teremos duas construções com sentidos ímpares, como em *fazer consultas* e *dar consultas*. Outro fato, já mencionado anteriormente, é que a substituição da construção-suporte por um verbo pleno, quando possível, acarreta mudança de sentido, além de modificar o próprio enunciado.

Na seqüência, testamos as construções com verbo-suporte paralelamente às construções que apresentavam verbo pleno e, também, às expressões cristalizadas. Verificamos se as primeiras eram, de fato, construções-suporte. Procuramos, também, definir alguns padrões frasais prototípicos das construções-suporte, bem como os graus de prototipia de cada caso. Observamos, ainda, se construções com verbo-suporte aceitavam modificadores como quantificadores ou qualificadores. Se assim ocorresse, verificamos se tais construções deixavam de ser suporte ou eram construções menos prototípicas. Observamos, também, se o tempo verbal tinha alguma influência quanto à construção com verbo-suporte, no sentido de determinar o grau de prototipia daquela.

## CAPÍTULO 4: As construções com verbo-suporte *fazer*

### 4.1 Testes com as construções com o verbo-suporte *fazer*

Na tabela a seguir, apresentamos o número de ocorrências das construções suporte ao lado das construções com *fazer* pleno e expressões cristalizadas cotejadas no *corpus*:

	N.º de Ocorrências	Porcentagem (%)
<b>Verbo Pleno</b>	135	54%
<b>Verbo-Suporte</b>	94	38%
<b>Expressão Cristalizada</b>	20	8%
<b>Total</b>	249	100%

**Tabela do número de ocorrências do verbo *fazer* no *corpus*.**

Como já descartamos as construções com *fazer* pleno da análise, nos concentramos, aqui, nas ocorrências de *fazer* como suporte e como parte de expressões cristalizadas.

Primeiramente, apresentamos alguns critérios e testes aplicados à construção com verbo-suporte em paralelo com o uso pleno do verbo *fazer*. Posteriormente, fizemos o mesmo com as construções com verbo suporte *fazer* em paralelo com as expressões cristalizadas com o verbo *fazer*. O objetivo foi demonstrar a natureza peculiar da construção com verbo-suporte.

Para corroborar a importância desses testes, citamos Borba (1991: 24), que faz a seguinte observação:

para dar a uma função sintática uma justificativa especificamente sintática aplicam-se testes destinados a fazer sobressair o comportamento sintático de dada função. Tais testes nada mais são do que operações aplicadas às estruturas elementares (= frase simples) e que lhes determinam as propriedades.



Neves (2002) apresenta três critérios que servem como parâmetros de distinção entre as construções com verbo-suporte e as construções com verbo pleno. Aplicamos esses critérios no *corpus* para demonstrar a gramaticalidade ou não desses dois tipos de construção.

O primeiro critério postula que *é impossível juntar-se um complemento do tipo **de+nome humano/possessivo ao sintagma nominal que é objeto do verbo-suporte*** (Neves, 2002: 192). Esse critério serve para verificar se o complemento do verbo-suporte, em construções prototípicas, é um nome não-referencial. Observe as seguintes construções com verbo-suporte:

- (1) Esse momento passou, os escritores africanos hoje estão mais libertos, já não precisam mais **fazer afirmações** contra o colonizador nem proclamar sua africanidade. (Ed. 1978 / 26-09-2007)
- (2) (...) o presidente da República **faz uma barganha** vergonhosa. (Ed. 1973 / 22-08-2007)
- (3) (...) ele (Itamar Franco) **faz** diariamente **exercícios** em uma esteira e alimenta-se de forma equilibrada. (Ed. 1973 / 22-08-2007) (...)
- (4) Não **faço guerra** contra a reforma (...) (Ed. 1978 / 26-09-2007)

Agora observe que (5) a (8) são considerados agramaticais:

- (5) \*Esse momento passou, os escritores africanos hoje estão mais libertos, já não precisam mais fazer afirmações **(dos escritores africanos/suas)** contra o colonizador nem proclamar sua africanidade.
- (6) \*(...) o presidente da República faz uma barganha **(do presidente da república/dele)** vergonhosa.
- (7) \*(...) ele (Itamar Franco) faz diariamente exercícios **(de Itamar Franco/dele)** em uma esteira e alimenta-se de forma equilibrada.
- (8) \*Não faço guerra **(minha)** contra a reforma.

No caso de construções com o verbo *fazer* pleno, tais transformações são possíveis e até mesmo já constam em alguns exemplos, assim como em (10), atestado nas sentenças que seguem:

- (9) (...) ele (Lula) não estaria com a nota de real nas mãos **fazendo (sua) campanha (dele)**. (Ed. 1973 / 22-08-2007) 4
- (10) E essa base funcionou de uma forma deficiente na produção de uma campanha que pudesse **fazer crescer os votos de Geraldo Alckmin**. (Ed. 1988 / 05-12-2007)
- (11) O escritor africano **está fazendo** alguma coisa **(sua / do escritor africano)** que é profundamente universal. (Ed. 1978 / 26-09-2007)

O segundo critério testado por Neves (2002: 193) verifica se *é possível uma dupla análise do complemento do verbo-suporte que apresenta a estrutura SN + preposição + SN, o que se evidencia pela dupla possibilidade de extração ou clivagem*:

- (12) **Não é guerra** que eu faço **contra a reforma**.  
**Não é guerra contra a reforma** que eu faço.
- (13) **São exercícios em uma esteira** que ele (Itamar Franco) faz diariamente.  
**São exercícios** que ele (Itamar Franco) faz diariamente **em uma esteira**.

Para os verbos plenos, não há dupla possibilidade de clivagem:

- (14) E essa base funcionou de uma forma deficiente na produção de uma campanha que pudesse **fazer crescer os votos de Geraldo Alckmin**..  
 \*E essa base funcionou de uma forma deficiente que **os votos de Geraldo Alckmin** na produção de uma campanha **pudesse fazer crescer**.

---

<sup>4</sup> Os elementos em negrito e entre parênteses foram por nós acrescentados, ao passo que o negrito sem parênteses corresponde a porções de texto que já constam no *corpus*.

(15) O escritor africano **está fazendo** alguma coisa que é profundamente universal.

**\*É alguma coisa** que é profundamente universal que o escritor africano está tentando fazer (**dele**).

O segundo critério apresentado por Neves (2002) observa que, no caso do verbo-suporte, o complemento do SN que o acompanha também é complemento da construção como um todo, ou seja, do verbo-suporte somado ao SN. Por outro lado, o complemento que acompanha o SN ou o N que precede o verbo *fazer* pleno funciona como complemento apenas do SN/N, e não do predicado formado pelo verbo, por isso, nesse caso, a dupla clivagem não é possível.

O terceiro critério aplicado por Neves (2002: 194) às construções com verbo-suporte demonstra que *a oração com verbo-suporte reproduz um sintagma nominal por apagamento do verbo suporte e colocação de seu complemento na forma **de + SN***. Essa propriedade demonstra que as construções aqui estudadas são, de fato, fonte das nominalizações.

Observemos os exemplos:

(16) Esse momento passou, os escritores africanos hoje estão mais libertos, já não precisam mais **fazer afirmações** contra o colonizador nem proclamar sua africanidade. (Ed. 1978 / 26-09-2007) → afirmações **dos escritores africanos**

(17) (...) o presidente da República **faz uma barganha** vergonhosa. (Ed. 1973 / 22-08-2007) → uma barganha **do presidente da república**

(18) (...) ele (Itamar Franco) **faz diariamente exercícios** em uma esteira e alimenta-se de forma equilibrada. (Ed. 1973 / 22-08-2007) → exercícios **dele**

(19) Não **faço guerra** contra a reforma (...) (Ed. 1978 / 26-09-2007) → **minha guerra**

A próxima etapa para a verificação da natureza *sui generis* da construção com verbo-suporte foi observar, a partir dos testes propostos por Radford (1988) e adaptados por Neves (2002) para a língua portuguesa, as construções em questão no presente trabalho ao lado das expressões cristalizadas, que são combinatórias

fixas, formando uma unicidade lexical. Os testes tiveram como objetivo determinar a estrutura de constituintes de uma construção, verificando se as construções em cotejo correspondiam a um constituinte como um todo ou não.

O primeiro teste (RADFORD, 1988: 90) verifica se o SN que acompanha o verbo-suporte e o verbo que compõe a expressão cristalizada têm a mesma distribuição que outro elemento do mesmo tipo, ou seja, se podem ser substituídos por tal elemento.

Observamos que, para as construções com verbo-suporte, tal substituição foi possível:

- (20) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que faziam grandes **passeatas / protestos** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (21) O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais fazerem essa **regulação / regularização** por nós. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (22) (...) fiz duas **operações / cirurgias** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)
- (23) Aí faz **essa mercancia / esse comércio**, esse mercado aberto e despodorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)

Para as expressões cristalizadas, a possibilidade de substituição do SN não se verificou:

- (24) E dá-se ao luxo de **fazer ouvidos de mercador [fazer ouvidos de comerciante?]** para os problemas da classe média. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (25) Não **faz sentido [faz juízo? Faz senso?]** perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (26) (...) **fez questão [fez pergunta de? Fez assunto de?]** de deixar bem claro ser ele o verdadeiro pai da estabilidade econômica. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (27) Ele **fez corpo mole [fez amolecer? Fez ceder?]** em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Observamos que, no caso do verbo-suporte, o SN funciona como constituinte do conjunto, o que não acontece com o elemento nominal que forma a expressão cristalizada. Por outro lado, ao aplicarmos o teste para o conjunto das construções, ou seja, verbo-suporte + sintagma nominal e verbo + elemento nominal para as expressões, verificamos que, em ambos os casos, podíamos substituir tal conjunto por um verbo pleno de significado correspondente. Desse modo, percebemos que, no conjunto, os elementos que compõem as construções em questão contribuem sintática e semanticamente para a sua composição como um todo.

Os exemplos (28) a (31) correspondem às construções com verbo-suporte, e os exemplos (32) a (35), às expressões cristalizadas:

- (28) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que **faziam grandes passeatas (protestar)** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (29) O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais **fazerem essa regulação (regular)** por nós. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (30) (...) **fiz duas operações (operar)** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)
- (31) Aí **faz essa mercancia (comerciar)**, esse mercado aberto e despuorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)
- (32) E dá-se ao luxo de **fazer ouvidos de mercador (ignorar)** para os problemas da classe média. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (33) Não **faz sentido (logicar)** perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (34) (...) **fez questão de (exigir)** deixar bem claro ser ele o verdadeiro pai da estabilidade econômica. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (35) Ele **fez corpo mole (fugir)** em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

O segundo teste proposto por Radford (1988: 90) e aplicado por Neves (2002) para o português verifica a mobilidade do elemento candidato a constituinte, ou seja, se esse elemento é passível de mobilidade, antepondo-se ou pospondo-se ao verbo. Se isso ocorrer, trata-se de algum tipo de sintagma.

Observemos as construções com verbo-suporte, que, embora não-usuais, admitem anteposição:

- (36) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que **grandes passeatas faziam** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (37) O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais **essa regulação fazerem** por nós. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (38) (...) **duas operações fiz** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)
- (39) Aí **essa mercancia faz**, esse mercado aberto e despudorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)

Para as expressões cristalizadas, por outro lado, a anteposição não soa gramaticalmente possível:

- (40) E dá-se ao luxo de **\*ouvidos de mercado fazer** para os problemas da classe média. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (41) Não **\*sentido faz** perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (42) (...) **\*questão de fez** deixar bem claro ser ele o verdadeiro pai da estabilidade econômica. (Ed. 1973 / 22-08-2007)
- (43) Ele **\*corpo mole fez** em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Dessa forma, verificamos que o objeto do verbo-suporte é um seu constituinte, ou seja, é SN, o que não acontece com o objeto do verbo na expressão cristalizada.

Ao aplicarmos o mesmo teste para o conjunto das construções, o resultado, mais uma vez global, demonstrou que há possibilidade de deslocamento (anteposição) de toda a construção, embora alguns casos possam parecer agramaticais ou não-usuais.

O terceiro teste proposto por Radford (1988) verifica se o elemento pode servir como um fragmento de sentença. Se isso ocorrer, trata-se de um constituinte sintagmático.

Eis alguns exemplos do teste aplicado aos conjuntos formados por verbo-suporte:

(44) Faziam grandes passeatas?

Não, grandes protestos.

(45) Fazerem essa regulação?

Não, essa regularização.

(46) Fiz duas operações?

Não, duas cirurgias.

(47) Faz essa mercancia?

Não, esse tráfico.

O mesmo exercício aplicado às expressões cristalizadas não é possível:

(48) Fazer ouvidos de mercador?

Não, ... ?

(49) Faz sentido?

Não, faz ... ?

(50) Fez questão?

Não, ... ?

(51) Fez corpo mole?

Não, ... ?

Novamente, observamos que o elemento objeto do verbo-suporte funcionou como constituinte, o que não ocorreu com o elemento nominal que acompanhava a expressão cristalizada. Da mesma forma, ao realizarmos o teste com o conjunto (verbo + elemento nominal) das construções em cotejo, observamos comportamento global de constituinte:

(52) Faziam grandes passeatas?

Não, protestavam.

(53) Fiz duas operações?

Não, operei.

(54) Fez questão?

Não, exigiu.

(55) Fez corpo mole?

Não, fugiu.

O quarto teste proposto por Radford (1988) é descartado por Neves (2002), pois se refere à intercalação de advérbios para testar sintagmas verbais ou orações, o que não se aplicava na investigação que aqui se pretendeu. Por isso, o quarto teste aqui apresentado corresponde ao quinto teste proposto por Radford e verifica se o elemento admite coordenação com outra cadeia. Se isso ocorrer, tal elemento é um constituinte do mesmo tipo daquele com o qual se coordena.

Observamos que, para o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte, esse teste foi válido:

(56) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que **faziam grandes passeatas** e **grandes protestos** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)

(57) O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais **fazerem essa regulação** e **essa fiscalização** por nós. (Ed. 1975 / 31-08-2007)

(58) (...) Fiz **duas operações** e **repouso** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)

(59) Aí **Faz essa mercancia** e **esse contrabando**, esse mercado aberto e despudorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)

Para o elemento nominal que acompanha as expressões cristalizadas, não há possibilidade de coordenação:



- (60) E dá-se ao luxo de **fazer ouvidos de mercador** e **[de ...?]** para os problemas da classe média. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (61) Não **faz sentido** e **[...?]** perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (62) (...) **fez questão** e **[...?]** de deixar bem claro ser ele o verdadeiro pai da estabilidade econômica. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (63) Ele **fez corpo mole** e **[...?]** em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Avaliando as construções como um todo, novamente o resultado foi global, ou seja, houve possibilidade de coordenação tanto do conjunto verbo-suporte + SN quanto do conjunto verbo + elemento nominal formador de expressão cristalizada com um outro verbo pleno.

O quinto teste proposto por Neves (2002) e correspondente ao sexto teste de Radford verifica se o elemento analisado pode servir como um constituinte compartilhado na estrutura de coordenação da sentença. Se assim for, trata-se de um constituinte.

Para os exemplos com verbo-suporte, tivemos:

- (64) **Faziam** – e não **ignoravam** – **grandes passeatas**.
- (65) **Fazerem** – e não **aprovarem** – **essa regulação**
- (66) **Fiz** – e não **refiz** – **duas operações**
- (67) **Faz** – e não **vende** – **essa mercancia**.

Para as expressões cristalizadas, o mesmo teste não se aplicou:

- (68) E dá-se ao luxo de **fazer** – e não **[...?]** – **ouvidos de mercado** para os problemas da classe média. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (69) Não **faz** – e não **[...?]** – **sentido** perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (70) Ele **fez** – e não **[...?]** – **corpo mole** em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Para o conjunto das construções, tal teste não se aplicou, por tratar-se de sintagma verbal.

O sexto teste aplicado por Neves (2002) – e sétimo de Radford – verifica se o elemento pode ser substituído por uma proforma (pronome) de forma adequada ou, ainda, servir de antecedente de uma proforma. Se isso for verificado, o elemento é um constituinte de mesmo tipo que a proforma.

Observando tal possibilidade para construções com verbo-suporte, tivemos:

(71) Faziam **grandes passeatas** → \*faziam-nas

(72) Fazerem **essa regulação** → \*fazer-la > fazê-la

(73) Fiz **duas operações** → \*fiz-las > \*fi-las

(74) Faz **essa mercancia** → \*faz-la > \*fá-la

Verificamos que as construções com verbo-suporte não admitiram pronominalização. Esse fato corrobora a condição peculiar de tal construção, em que o elemento nominal, embora seja um SN, não parece ser argumento do verbo e não possui referencialidade, funcionando mais como um predicado. Verificamos, também, que, para as expressões cristalizadas, o teste teve o mesmo resultado apresentado pela construção com verbo-suporte, ou seja, o elemento nominal que acompanhava o verbo não admitiu substituição por uma proforma.

O teste aplicado a todo o conjunto da construção não é viável para a língua portuguesa, uma vez que não admite que um sintagma verbal seja substituído por proformas.

O sétimo e último teste proposto por Neves (2002) e oitavo de Radford (1988) verifica se o elemento admite elipse nas condições discursivas apropriadas. Se isso ocorrer, o elemento é um sintagma de tipo verbal.

É o que se verificamos para os casos de verbo-suporte, a seguir:

- (75) O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais **fazerem essa regulação** e o povo [**essa fiscalização**]. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (76) (...) Fiz **duas operações** e o médico [**curativos**] no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)
- (77) Aí **faz essa mercancia** e quem é corrupto [**esse contrabando**], esse mercado aberto e despudorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)

Mas não para as expressões cristalizadas:

- (78) Não **faz sentido** e aquilo [...?] perpetuar o problema enquanto essa solução não chega. (Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (79) (...) **fez questão** e ela [...?] **de** deixar bem claro ser ele o verdadeiro pai da estabilidade econômica. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (80) Ele **fez corpo mole** e ela [...?] em troca de dinheiro ou estava contundido? (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Observamos, desse modo, que o elemento objeto do verbo-suporte comportou-se, sim, como constituinte da estrutura e, portanto, é um SN. O elemento nominal objeto das expressões cristalizadas, por outro lado, não apresentou a mesma individualidade que os primeiros, compondo um todo indissolúvel com o verbo da construção. Os testes aplicados às construções como um todo, por sua vez, obtiveram os mesmos resultados, ou seja, ambas as estruturas formadas por um verbo e um elemento nominal se comportaram como constituintes do sintagma verbal, ou seja, da oração.

#### 4.2 Estabelecimento de alguns padrões para as construções com o verbo-suporte *fazer*

Passamos a discutir os diferentes tipos de construções que se formaram com o verbo-suporte *fazer*, assim como os graus de prototipia de tais construções. Agrupamos as ocorrências de construções com verbo-suporte *fazer* encontradas no *corpus* de acordo com a sua estrutura e funcionalidade.

Destacamos, a seguir, o número de ocorrências encontradas no *corpus* para cada um dos padrões frasais pesquisados.

Padrões Frasais	N.º de ocorrências
fazer + [ø] N	26
fazer + [um/a]N	21
fazer + [o/a]N	18
Presença de determinante/quantificador	19
Clivagem	10

**Tabela de padrões frasais encontrados nas construções suporte.**

O primeiro tipo de construção que consideramos o mais prototípico é aquele formado por **fazer + [ø] N**, ou seja, o nome vem imediatamente após o verbo-suporte sem qualquer tipo de modificador.

O caso mais típico é a utilização da construção com verbo-suporte em detrimento da construção com o respectivo verbo pleno. Esse mecanismo torna a sentença mais informal, uma vez que o verbo pleno pode não ser de domínio comum, mas a respectiva nominalização sim. A utilização da construção-suporte denota expressividade, pois dá um contorno especial para a sentença, o que um verbo pleno tão somente não exprimiria. Isso acontece claramente com *legislar*, verbo do jargão jurídico, em detrimento de *fazer leis*, uma vez que o N *lei* pertence ao domínio mais comum do léxico. O mesmo acontece com *barganhar* > *fazer barganha*. No caso de *guerrear/brigar* > *fazer guerra*, percebemos que há certa **dramatização** do conteúdo expressado pela construção-suporte, além do N *guerra* ser utilizado em sentido figurado, ou seja, o conteúdo é mais expressivo, o que não seria possível com o respectivo verbo pleno.

- (1) O homem quando **faz leis, faz leis** para si mesmo. (Ed. 1981 / 17-10-2007)
- (2) A política está sendo confundida com politicagem, tanto por quem a exerce quanto pelos eleitores que usam o poder do voto para **fazer barganha**. (Ed. 1983 / 31-10-2007)
- (3) Não **faço guerra** contra a reforma, mas acho absolutamente absurdo o fundamento da necessidade de fazê-la. (Ed. 1978 / 26-09-2007)

A construção com verbo-suporte pode ser utilizada para evitar a utilização do pronome oblíquo *se*, que acompanha alguns verbos, por exemplo, *afirmar-se*, *oporse*, *matricular-se*:

- (4) Quando o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso começou, o senador Sérgio Guerra nem do PSDB era. Como deputado do PSB, **fazia oposição** a ele. (Ed. 1988 / 05-12-2007)
- (5) Aí fui com o Márcio Borges **fazer matrícula** para o curso de economia. (Ed. 1990 / 19-12-2007)
- (6) Esse momento passou, os escritores africanos hoje estão mais libertos, já não precisam mais **fazer afirmações** contra o colonizador nem proclamar sua africanidade. (Ed. 1978 / 26-09-2007)

Conforme mencionamos, uma construção com verbo-suporte pode ser usada para detransitivar o complemento, ou seja, enquanto o verbo pleno correspondente ao verbo-suporte necessita de complemento, a construção verbo-suporte + SN não precisa de complementação alguma para fazer sentido. São exemplos os verbos *denunciar* > *fazer denúncias*, *obrar* > *fazer obras*, *experimentar* > *fazer experiências*, *comprar* > *fazer compras*. Observamos, no caso de *fazer obras* e *fazer experiências*, a expressividade da construção-suporte. No caso de *fazer obras*, o sentido é o de *construir*, mas *obras* se mostra mais expressiva do que *construção*. No caso de *fazer experiências*, observamos que o sentido é o de *experimentar*, mas a construção-suporte com o N *experiências* torna tal sentido muito mais expressivo e claro, principalmente se considerarmos o contexto da ocorrência.

- (7) Já o senador ACM preferia um combate mais duro com seus adversários e até entrava no campo pessoal quando **fazia denúncias**. (Ed. 1974 / 05-09-2007)
- (8) (...) a falta de uma estrutura para **fazer obras** (...) (Ed. 1980 / 10-10-2007)
- (9) Ele (Cazuza) **deve ter feito experiências** na adolescência (Ed. 1984 / 07-11-2007)
- (10) Ando pelas ruas, vou à feira, ao mercado, **faço compras**, escuto as pessoas (...). (Ed. 1992 / 09-01-2008)
- (11) Meu irmão, será que por ser ministro **preciso fazer compras** de smoking? (Ed. 1992 / 09-01-2008)

Encontramos no *corpus* duas ocorrências do verbo *fazer* como suporte em discursos tipicamente políticos. Observamos que sua substituição pelo respectivo verbo-pleno não apresentaria o mesmo resultado. Trata-se de *politicar* > *fazer política*. Razões semânticas entram, aí, em jogo, uma vez que o verbo *politicar* popularmente traz a idéia de *fazer política de uma forma desonesta*, enquanto a construção-suporte *fazer política* inverte esse valor negativo para positivo.

- (12) E essa forma de **fazer política** sempre foi muito criticada pelo presidente Lula. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (13) Ele (Jaime Lerner) quer **fazer política** pela arquitetura. (Ed. 1972 / 15-08-2007)

Identificamos, também, a utilização dessa estrutura mais prototípica de verbo-suporte + N para referir-se a produções artísticas. São esses os casos de *fazer música* (2 ocorrências) em detrimento de *compor*, *fazer cinema/filme* (2 ocorrências) em detrimento de *produzir*, e *fazer literatura* em detrimento de *escrever*. Novamente, percebemos o que anteriormente chamamos de dramatização, recurso estilístico conseguido mediante a utilização da construção-suporte. Além disso, acrescente-se a expressividade da construção com verbo-suporte marcada pelo N, cujo verbo pleno correspondente não carregaria tal traço.

- (14) Ele (o escritor africano) **está fazendo literatura**, ponto final. (Ed. 1978 / 26-09-2007)
- (15) Temos meninos da Baixada Fluminense com uma câmera de R\$ 200 **fazendo cinema**. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (16) Vale a pena **fazer filmes** de conteúdo político e social? (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (17) Para gravar e **fazer música**, não bebíamos. (Ed. 1990 / 19-12-2007)

Encontramos uma ocorrência isolada que, embora se relacione semanticamente com o contexto de produções artísticas, não apresentou efetivamente nada produzido. Trata-se de *fazer testes* (Ed.1982 / 24-10-2007), em que o sentido do N *testes* não é o mesmo daquele do verbo *testar*. Para a construção-suporte *fazer testes* significa passar por uma seleção para ser escolhido como ator. Por isso, optamos por classificar tal ocorrência como referente a produções artísticas.

O segundo tipo de construção é aquele formado pelo verbo-suporte **fazer + [um/a] N**, ou seja, o SN vem modificado por um artigo indefinido. Segundo Neves (2000), os indefinidos são considerados não-fóricos no sentido de que não operam uma recuperação semântica da situação. Além disso, são não-descritivos, pois não oferecem informação sobre a natureza dos objetos aos quais se agregam. Por isso, um SN com artigo indefinido pode referir-se tão somente à classe à qual a palavra pertence ou ao todo da classe, exercendo uma função não-referencial. Como mencionamos anteriormente, uma das características das construções prototípicas com verbo-suporte é a não-referencialidade, ou seja, o SN não identifica um referente no contexto.

- (18) O sr. diz que apenas o PCB **fez uma revisão** do autoritarismo. (Ed. 1989 / 07-12-2007)
- (19) Temos de aproveitar agora esse padrão de crescimento sustentável, com geração de empregos para **fazer uma escolha** (...) (Ed. 1994 / 18-01-2008)
- (20) Mas, até lá, temos que **fazer um enfrentamento** com o governo (...). (Ed. 1974 / 05-09-2007)

- (21) Então **fizemos uma negociação**, devagarinho, com consenso (...).  
(Ed. 1992 / 09-01-2008)

Observamos, nos exemplos acima, que o emprego dos verbos plenos *revisar*, *escolher*, *enfrentar* e *negociar* não possibilitaria a não-referencialidade atestada pelo SN com artigo indefinido. Além disso, há que se notar, novamente, a expressividade da construção-suporte.

Observamos, porém, que algumas ocorrências apresentam usos diferentes:

- (22) Mas é preciso **fazer um alerta** (...) (Ed. 1991 / 20-12-2007)
- (23) Aos 44 anos, ele tenta, à frente da OAB, **fazer uma aliança** dos advogados com os movimentos sociais para agitar a política brasileira.  
(Ed. 1983 / 31-10-2007)
- (24) (...) e eu **fiz uma regravação dela** (Hardly wait) no meu disco anterior.  
(Ed. 1982 / 24-10-2007)
- (25) O presidente da República **faz uma barganha vergonhosa**. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (26) Para isso, **foi feito um investimento** de R\$ 3 milhões na compra de equipamentos para montar um laboratório de simulação. (Ed. 1979 / 03-10-2007)

Em (22), a construção com verbo suporte serviu para detransitivar o verbo *alertar*. A construção *fazer um alerta* não necessita de complemento, ao passo que o verbo pleno *alertar* precisa. A construção-suporte, por sua vez, oferece mais expressividade e dramatização para a sentença. Em (23), o sentido de *fazer uma aliança* distancia-se um pouco do sentido do verbo pleno *aliar-se*, que pressupõe uma coligação mais estreita do que a da construção-suporte. Observamos que se trata de uma questão aspectual, pois, nesse caso, essa construção traz a idéia de descomprometimento, ou seja, ao *fazer uma aliança*, o sujeito não se compromete com o todo da causa, como *aliar-se* pressuporia, mas apenas com aquilo que lhe é interessante comprometer-se.

Em (24), embora o SN venha acompanhado de artigo indefinido, o N é definido pelo pronome possessivo *dela*, que estabelece um referente para



*regravação*. Em (25), há situação semelhante, visto que temos a especificação da *barganha* por meio de um qualificador (*vergonhosa*), recurso esse que não pode ser utilizado com o verbo pleno *barganhar* e que confere ao SN certo grau de referencialidade.

Em (26), entendemos *um* como numeral e não como artigo indefinido, pois a especificidade do valor do investimento (R\$ 3 milhões) e do seu propósito (compra de equipamentos para montar um laboratório de simulação) é singular, ou seja, não se trata de *um investimento qualquer*, mas sim de *um investimento singular*.

Observamos alguns exemplos peculiares com os substantivos *trabalho* e *reforma*, respectivamente:

- (27) Por isso, **lá foi feito um trabalho** de ensino de atendimento de emergência nas escolas para crianças e adolescentes. (Ed. 1979 / 03-10-2007)
- (28) **Fizemos um trabalho** de conscientização da população médica em várias cidades do Norte e Nordeste. (Ed. 1979 / 03-10-2007)
- (29) Quais estilistas o Sr. acha que **estão fazendo um trabalho** melhor? (Ed. 1981 / 17-10-2007)
- (30) (...) eu vou **fazer uma reforma política**. (Ed.1973 / 22-08-2007)

Percebemos, nas construções-suporte *fazer um trabalho*, que o sentido do substantivo *trabalho* não é compatível com o do verbo pleno *trabalhar* e que, por isso, não seria possível a substituição dessa construção pelo respectivo verbo pleno. O substantivo *trabalho* adquire, em (27), (28) e (29), o sentido de obra ou produto final gerado por determinada atividade. O mesmo se verifica quanto ao substantivo *reforma*, isto é, o verbo pleno *reformar* não é compatível com a construção-suporte *fazer uma reforma*, visto que esta vem especificada: não se trata de qualquer reforma, mas de uma *reforma política*. Além disso, em *reformar a política*, o sentido deixa de ser genérico e não-específico e passa a englobar todo o sistema político, o que não é o propósito pragmático da construção-suporte.

Encontramos no *corpus* outras duas ocorrências com o N *reforma*, que podem ser classificadas como construção-suporte. É o caso de *fazer reforma agrária* (Ed.

1994 / 18-01-2008) e *fazer a reforma agrária* (Ed. 1993 / 11-01-2008). O sentido do N *reforma*, como acima atestado, novamente não é compatível com o sentido do verbo pleno *reformar*, visto que vem acompanhado por outro N, nesse caso *agrária*. O verbo *fazer*, então, dá suporte ao SN e marca as categorias de tempo, de modo e de aspecto, funções exclusivamente verbais. Ao marcar também o aspecto, percebemos a contribuição semântica do verbo para a construção-suporte, no sentido de que esse verbo denota *atividade* e confere dinamicidade à construção. Então, em *fazer a reforma agrária*, como nos outros exemplos já apresentados, temos a idéia da realização de tal reforma.

Observemos mais algumas ocorrências:

(31) Eles reclamam, mandam correspondência, reivindicam, **fazem requerimentos**, e não são vistos, nada acontece. (Ed. 1993 / 11-01-2008)

(32) O governo Lula tinha que **fazer um ajuste fiscal** no início, mas nunca foi ultra-ortodoxo. (Ed. 1977 / 19-09-2007)

Observamos que em (31) ocorre uma seqüência de verbos plenos (*reclamam, mandam, reivindicam*) e, por último, o verbo-suporte *fazer*, que acompanha o N *requerimentos*. O verbo pleno *requerer*, se inserido na seqüência, pede um complemento e a construção *requerer requerimentos* não soaria bem. Ocorre, então, o que Neves (2006) denomina *dissimilação*, ou seja, um verbo mais neutro é utilizado, o N não se altera e o sentido inicial é mantido. Em (32), temos situação semelhante: o verbo pleno *ajustar* não é compatível com o sentido de *ajuste* da frase, que vem especificado por *fiscal*. Pragmaticamente, *ajustar fiscalmente* (o verbo admite ser modificado apenas por advérbio) não é o mesmo que *ajustar um ajuste fiscal* que, por dissimilação, passa a *fazer um ajuste fiscal*.

Uma última observação sobre o segundo tipo de construção. Encontramos no *corpus* três ocorrências da construção *fazer um filme*. Tal construção foi documentada no primeiro tipo de verbo-suporte (*fazer filme*) e aparece novamente com artigo indeterminado. Embora um pouco mais referencial que a construção anterior, *fazer um filme* mantém a não-referencialidade típica das construções-suporte.

Construções menos prototípicas são aquelas que apresentamos a seguir, formadas pelo verbo-suporte **fazer + [o/a]N**, ou seja, o SN aparece especificado por um artigo definido:

- (33) Muitas vezes as próprias empresas produtoras de minas **fazem a desminagem** (...) (Ed. 1978 / 26-09-2007)
- (34) Quando você começa a vistoriar uma área, leva de nove a 13 meses para **fazer a desapropriação**. (Ed. 1994 / 18-01-2008) [2 ocorrências]
- (35) Hoje em dia, esse dinheiro **faz a alavancagem** da nossa economia. (Ed. 1995 / 30-01-2008)

Observamos, nos exemplos acima, que a utilização do artigo definido torna explícito o referente singular a que trata o SN. Nesses casos, percebemos também que as construções-suporte podem ser substituídas pelos respectivos verbos plenos *desminar*, *desapropriar* e *alavancar*, sem prejuízo para o sentido global da frase. Em (33), contudo, a utilização do verbo *desminar*, logo após o nome *minas*, não soaria bem.

Há casos, porém, em que o verbo pleno em detrimento da construção com verbo-suporte não é apropriado:

- (36) O InCor **fez o treinamento** da Varig, que chegou a ter 11 casos de parada cardíaca e 45% de salvamento. (Ed. 1979 / 03-10-2007)
- (37) Agora, se **fizer o tratamento** certo em até cinco minutos, além de ter possibilidade maior de sobrevivência, as chances são menores de ter uma seqüela. (Ed. 1979 / 03-10-2007) [2 ocorrências]
- (38) Agora enviamos equipes para dar plantão com os outros médicos, ensinando como se **faz o atendimento**. (Ed. 1979 / 03-10-2007) [2 ocorrências]

Observamos que os verbos plenos *treinar*, *tratar* e *atender* não são compatíveis com os sentidos de *treinamento*, *tratamento* e *atendimento*, que se referem a procedimentos variados. O primeiro se refere ao procedimento de tornar alguém apto para exercer determinada função; o segundo procedimento visa à cura

do indivíduo que sofre de algum mal; e o terceiro, aos procedimentos a serem executados quando da entrada do paciente no hospital. A função da construção-suporte, nesses casos, é a de delimitar o referente do SN, função essa corroborada pelo uso do artigo definido nas sentenças acima citadas.

A oposição entre determinação e indeterminação do SN é observada nos exemplos:

(39) Sei que **farei um filme** algum dia. (Ed. 1982 / 24-10-2007) [como já mencionamos, há 3 ocorrências]

(40) A única publicidade que eu tive foi gratuita, assim mesmo porque arrumei uma pessoa amiga minha que **fez o filme** da minha propaganda. (Ed. 1981 / 17-10-2007) [2 ocorrências]

Em (40), o *filme* é específico e singular, ao passo que *um filme*, em (39), designa um filme qualquer.

Também encontramos algumas ocorrências em que palavras estrangeiras de utilização na língua portuguesa são introduzidas pelo verbo-suporte *fazer*. Scher (2004) já havia atestado essa possibilidade, mas para as construções com o verbo-suporte *dar*. Apesar de ocorrer apenas uma vez no *corpus* analisado, acrescentamos a essa função de introduzir palavra estrangeira a de introduzir uma sigla ou abreviatura:

(41) Isso primeiro aconteceu na Câmara, que **fez uma CPI** equivocada, tímida. (Ed. 1985 / 14-11-2007)

(42) Também foi um governo titubeante em relação à política de comércio exterior e não foi ousado o suficiente para **fazer um superávit fiscal** à altura. (Ed. 1977 / 19-09-2007)

(43) Gianni sempre queria **fazer um show** de verdade. (Ed. 1971 / 08-08-2007)

(44) Em vez da concentração do check-in no aeroporto, a pessoa **faria o check-in** num ponto remoto e seria transportado para embarcar no aeroporto. (Ed. 1972 / 15-08-2007) [2 ocorrências]

Além do emprego do artigo definido para especificar o SN, também é possível o emprego da quantificação e da qualificação daquele por meio de recursos gramaticais, tais como: numerais, adjetivos, advérbios intensificadores, pronomes, entre outros recursos a serem explorados pelos usuários da língua. Eis as ocorrências encontradas no *corpus*:

- (45) O DEM só tem o governo do Distrito Federal, é hoje praticamente um partido do Congresso e, assim, pode **fazer um discurso mais duro, fazer uma oposição mais radical**. (Ed. 1974 / 05-09-2007)
- (46) Gostaria de **ter feito mais assentamentos**. (Ed. 1994 / 18-01-2008)
- (47) O Sr. acha que a PF **faz mesmo prisões pirotécnicas?** (Ed. 1983 / 31-10-2007)

Em (45), observamos que a) os SNs vêm com artigo indefinido que tende a não especificar os seus referentes; b) o núcleo substantivo vem intensificado por uma expressão comparativa formada por preposição + adjetivo (*mais duro e mais radical*); c) os respectivos verbos plenos *discursar* e *opor-se* não admitiriam intensificação, somente restrição por meio dos advérbios de modo *duramente* e *radicalmente*; d) os intensificadores também cumprem uma função de dramatizar o conteúdo da construção-suporte. Portanto, embora a construção apresente traços de não-referencialidade devido ao artigo indefinido que torna genéricos os Ns os quais determina, a expressão comparativa traz traços de referencialidade tênues para a construção, o que insere (45) entre o segundo e o terceiro padrões frasais aqui apresentados.

Em (46), também temos o SN intensificado pelo advérbio de intensidade *mais*, que torna a construção mais referencial, também próxima do terceiro padrão de construções-suporte que delimitamos.

Em (47), temos a partícula *mesmo*, considerada de difícil classificação pela gramática tradicional e, por isso, chamada de palavra denotativa. Neves (2000) atribui a tal termo valor demonstrativo, no sentido de *próprio*, e adverbial, quando parte da locução *nem mesmo*. Na ocorrência acima citada, porém, percebemos que a partícula *mesmo* adquire função de modalizador epistêmico, pois avalia o valor de

verdade contido na construção-suporte e pode ser parafraseado por *O Sr. acha que a PF faz verdadeiramente prisões pirotécnicas?*

Encontramos também um tipo diferente de quantificação em que temos marcada a freqüência:

- (48) (...) **fiz duas operações** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)
- (49) (...) agora é que **estamos fazendo os primeiros ensaios** do que será a humanidade. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (50) (...) ele (Itamar Franco) **faz diariamente exercícios** em uma esteira e alimenta-se de forma equilibrada. (Ed.1973 / 22-08-2007)

Em (48), temos um numeral cardinal que marca o número exato de operações; em (49), temos o número ordinal *os primeiros*; em (50), temos o advérbio *diariamente*. Entendemos que a função de tais construções que marcam a freqüência de um evento foi ordenar os acontecimentos de modo a explicitar ainda mais o referente da construção com verbo-suporte. Por isso, denominamos tais construções de **ordenadoras**.

Outro elemento que exerce uma função ordenadora quando aliado a uma construção-suporte é o pronome demonstrativo:

- (51) O grande problema da classificação indicativa seria o despreparo das pessoas que **fazem essa indicação**. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (52) Aí **faz essa mercancia**, esse mercado aberto e despudorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)
- (53) Não sou careta, mas acho que vivemos numa sociedade excessivamente permissiva e de muita liberalidade. Estamos acostumados a ver drogas e sexo, tudo circulando com naturalidade. Acho que devíamos ter uma organização maior da sociedade para tratar disso. O que eu não acredito é na capacidade de esses organismos estatais **fazerem essa regulação por nós**. São um bando de burocratas, completamente despreparados. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (54) A primeira razão que me levou a simpatizar com Lula é que ele era quase analfabeto e **fez todo esse esforço** Ele, que nunca tinha lido, começou a se interessar pela leitura. Outra coisa é que ele deu ao brasileiro a possibilidade de não ter que ser comunista nem

reacionário. Podemos ficar em uma linha social, trabalhista, sem os clichês. (Ed. 1984 / 07-11-2007)

Em (51), (52), (53) e (54), o pronome demonstrativo *esse/a*, além de ordenar o evento especificando o referente, exerce uma função anafórica de retomada de um referente já mencionado em (51) e (53), e catafórica de apresentação de um novo referente em (52) e (54). Observamos, ainda, que o uso do pronome indefinido *todo* anteposto ao pronome demonstrativo em (54) indicou que *esse esforço* se realizou em sua totalidade, tornando ainda mais referencial o SN. É importante ressaltar, novamente, que o emprego dos respectivos verbos plenos *indicar*, *comerciar*, *regular* e *esforçar-se* não retomaria os referentes já mencionados, tampouco, apresentariam um referente ainda não-especificado, mas exigiriam uma nova estrutura de predicação cujo núcleo é sempre verbal.

Encontramos uma ocorrência diferente e isolada que utiliza o pronome demonstrativo. É o caso de *fazer estas novas criações* (Ed. 1971 / 08-08-2007), cujo contexto trata de confeccionar novas coleções de roupas. Percebemos que o sentido de *fazer criações* não é compatível com o sentido do verbo pleno *criar*, pois o termo *criações* se refere à moda como uma obra de arte, que se deve ao fato de ser produzida artisticamente. Quanto ao uso do demonstrativo, observamos que ele exerce uma função catafórica, pois vem imediatamente seguido do novo referente *novas criações*. Há certo grau de referencialidade na construção, pois o N é restringido pelo qualificador *novas*; por outro lado, o N no plural com sujeito singular (Eu) confere à construção certo grau de não-referencialidade, ou seja, temos uma construção que se encontra entre o segundo e o terceiro padrão frasal aqui delimitado.

Além dos quantificadores, qualificadores também especificam o SN da construção suporte:

(55) **Fez reformas importantes** na área educacional, trabalhista, de valorização da classe trabalhadora. (Ed. 1985 / 14-11-2007)

(56) Todas as nossas ações estão voltadas para **fazer o melhor possível** pela cidade. (Ed. 1970 / 01-08-2007)

- (57) A Sra. **parece fazer uma relação direta** entre a democracia e o crescimento. (Ed. 1976 / 12-09-2007)
- (58) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que **faziam grandes passeatas** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (59) Eu **fiz minha graduação** nos anos 70, durante a ditadura militar. (Ed. 1995 / 30-01-2008)

Em (55), o adjetivo especificador (*importante*) está posposto ao N (*reformas*), que é núcleo do SN. Em (56), ocorre o mesmo: o adjetivo *possível* especifica o SN, a única diferença é que o N vem antecedido por artigo definido, o que estabelece a referencialidade para a construção-suporte. Em (55), o N *reformas* no plural marca a não-referencialidade, pois o respectivo verbo-suporte e o sujeito, que nesse caso está oculto, aparecem no singular. Em (57), o adjetivo especificador (*direta*) também vem posposto, embora o grau de referencialidade seja baixo por causa do artigo indefinido, que também acompanha o N. Em (58), o especificador adjetivo (*grandes*) vem intercalado na construção-suporte e, apesar da ausência de artigos ou de outro especificador qualquer, essa posição do especificador torna a construção mais referencial. Em (59), temos como especificador um pronome possessivo também intercalado. O grau de referencialidade dos pronomes é maior ainda que de outro especificador qualquer, o que confere mais foricidade à sentença.

Encontramos algumas ocorrências com valor negativo na construção suporte:

- (60) (...) minha manifestação foi para traduzir a ele a expectativa dos brasileiros de que **não fosse feito mais um plano de intenções**. (Ed. 1970 / 01-08-2007)
- (61) É uma decisão definitiva do governo **não fazer reforma alguma** na CLT para retirar direitos. (Ed. 1992 / 09-01-2008)
- (62) A verdade é que os partidos de esquerda que formaram o PT **não fizeram nem a primeira das revisões** (...) (Ed. 1989 / 07-12-2007)

Em (60), ocorre a negação por excelência, ou seja, a construção-suporte vem antecedita pelo advérbio de negação *não*, cujo escopo de incidência é toda a construção. Além disso, o SN vem especificado pelo quantificador *mais*, apontando



que aquilo que se está negando já ocorreu antes, mas que não é para acontecer novamente. Observamos, também, que o sentido de *fazer planos* da sentença não é compatível com o do verbo pleno *planejar*. Novamente, percebemos que *planos* é mais expressivo, no sentido de planejamentos políticos para o povo. O verbo pleno *planejar* tem um sentido mais restrito de ordenar, enquanto o N *planos* abre um leque maior e mais expressivo de significados, como planejamento, desejos, anseios, promessas, do povo e para o povo.

Em (61), por sua vez, o escopo do advérbio de negação *não* é o verbo-suporte *fazer*; a negação vem, ainda, reforçada pelo pronome indefinido *alguma*, cujo escopo é o N *reforma* e que, por estar a ele posposto, atribui valor negativo ao SN. Essa ocorrência, embora negativa, apresenta a estrutura mais prototípica das construções-suporte, a saber, **fazer + [Ø] N**. A respeito do N *reforma*, vale o comentário feito anteriormente para *fazer reforma*.

A estrutura de (62) é semelhante à estrutura de (61): o escopo do advérbio de negação *não* é o verbo-suporte *fazer*, que configura o primeiro elemento negado, e o elemento adverbial *nem* tem como escopo o SN, caracterizando o segundo elemento negado. É interessante ressaltar que o escopo do item adverbial *nem*, nessa configuração negativa, carrega a idéia de uma situação que sequer aconteceu. Vale ressaltar que a construção-suporte *fazer revisão* possibilita esse tipo de negação, o que não ocorreria com o verbo pleno *revisar*.

Encontramos também algumas ocorrências peculiares, devido à ocorrência da clivagem:

- (63) Qualquer **movimento** que **eu fizer** no sentido de continuar no Senado pode trazer a crise de volta. (Ed. 1985 / 14-11-2007)
- (64) Há toda **uma pedagogia** que **é preciso ser feita** no conjunto. (Ed. 1978 / 26-09-2007)
- (65) Foi **uma viagem preparatória** da visita que **o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fará** à Espanha no dia 17 de setembro. (Ed. 1976 / 12-09-2007)
- (66) É muito importante para todo o mundo **a pesquisa** que **faz o Brasil** no uso dos combustíveis. (Ed. 1976 / 12-09-2007)

- (67) De como ampliar no Brasil **os investimentos** que **a Espanha faz** na América Latina (...) (Ed. 1976 / 12-09-2007)
- (68) A CPI do Senado caminhou bem até **o diagnóstico** que **fez** dos acidentes. (...) (Ed. 1985 / 14-11-2007)
- (69) Mas essa é **a revisão** que só **nós fizemos**, a partir das denúncias feitas por Nikita Kruchóv dos desmandos do período stalinista. (Ed. 1989 / 07-12-2007)
- (70) (...) **a música** que **fazemos** é urgente, perigosa e se propõe a divertir. (Ed. 1982 / 24-10-2007)
- (71) Conciliar **as pressões** que todos eles **fazem** quanto ao tom oposicionista que o partido adotará. (Ed. 1988 / 05-12-2007)

As sentenças clivadas têm as mesmas funcionalidades das não-clivadas, ou seja, basta observarmos o SN que acompanha o verbo-suporte. Em (63), temos o caso mais prototípico de **fazer + [Ø] N**. Em (64) e (65), encontramos o segundo caso mais prototípico de **fazer + [um/a]N**. De (66) a (71), temos o caso não-prototípico, mas que ainda assim pode apresentar não-referencialidade do referente, isto é, certa prototipia, **fazer + [o/a]N**. Quanto ao grau de referencialidade deste último grupo de enunciados, observamos que somente a ocorrência (67) apresenta não-referencialidade por apresentar o SN no plural, porém, diferentemente de (71), apresenta o verbo-suporte com seu respectivo sujeito no singular. Entendemos que a utilização da clivagem tem como objetivo focalizar a informação considerada de maior relevo.

Encontramos uma ocorrência que denominamos semiclivada, pois apresenta apenas inversão quanto à posição verbo + SN:

- (72) Vinte anos depois, que **análise o Sr. Faz?** (Ed. 1991 / 20-12-2007)

Podemos reescrever (72) como *Qual análise que o Sr. faz*, sentença tipicamente clivada. Observamos que tal exemplo apresenta o caso mais prototípico para as construções-suporte, a saber, **fazer + [Ø] N**. Nesses casos de clivagem, ocorre o importante papel da expressividade na construção-suporte, recurso que

possibilita ao usuário da língua alçar o SN em uma posição de destaque para enfatizá-lo.

Algumas ocorrências não puderam ser classificadas entre as estruturas anteriores, justamente por apresentarem um limite fluido como construções com verbo-suporte. Tais sentenças, embora apresentem a mobilidade das construções suporte, confundem-se com as expressões cristalizadas:

- (73) Assistência técnica **faz toda a diferença**. (Ed. 1994 / 18-01-2008) [2 ocorrências]
- (74) O que não dá para continuar são essas fábricas de **fazer dinheiro**, isso é estelionato. (Ed. 1983 / 31-10-2007)
- (75) Eu sempre procurei fugir dessa tendência de **fazer paralelos** (...). (Ed. 1974 / 05-09-2007)
- (76) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **fazendo turismo**. (Ed. 1992 / 09-01-2008)
- (77) Há também algo da música mais popular brasileira que **faz sucesso**. (Ed. 1978 / 26-09-2007) [2 ocorrências]
- (78) Na entrevista a seguir, Freire **faz um balanço** de como os 90 anos do socialismo se refletiram no Brasil e o que eles significam para a política brasileira de hoje. (Ed. 1989 / 07-12-2007)

Observamos que, com exceção da ocorrência (73), que apresentou quantificador, as ocorrências de (74) a (77) apresentaram a configuração mais prototípica das construções-suporte, isto é, **fazer + [ø] N**, e a ocorrência (78) a configuração também considerada prototípica, ainda que em grau um pouco menor, **fazer + [um/a]N**.

Na seqüência, aplicamos os testes de Radford (1988), adaptados por Neves (2002), às ocorrências acima transcritas para averiguarmos se podíamos considerá-las construções-suporte ou expressões cristalizadas.

Conforme mencionamos anteriormente, o primeiro teste verifica a distribuição do elemento nominal, ou seja, se ele pode ser substituído por outro elemento de mesmo tipo. Se isso for possível, temos um SN. Constatamos que, para as

construções-suporte, essa substituição foi possível, fato que não foi constatado nas expressões cristalizadas:

- (79) Assistência técnica **faz toda a diferença [distinção?]**.
- (80) O que não dá para continuar são essas **fábricas de fazer dinheiro [cédulas de Real?]**, isso é estelionato.
- (81) Eu sempre procurei fugir dessa tendência de **fazer paralelos [comparações]**.
- (82) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **fazendo turismo [viagens]**.
- (83) Há também algo da música mais popular brasileira que **faz sucesso [estrondo]**.
- (84) Na entrevista a seguir, Freire **faz um balanço [uma avaliação]** de como os 90 anos do socialismo se refletiram no Brasil e o que eles significam para a política brasileira de hoje.

Observamos que (81), (82), (83) e (84) admitem a substituição por um SN de mesmo tipo sem, no entanto, ocorrer mudança de sentido da construção-suporte. Acontece, nesses casos, a perda da expressividade, mas o sentido primordial se mantém. As ocorrências (79) e (80), no entanto, perdem o sentido quando têm seu SNs substituídos, o que é típico das expressões cristalizadas.

O segundo teste verifica se o SN admite movimento, ou seja, se esse elemento pode ser posposto ou anteposto. Vale lembrar que as expressões cristalizadas formam um sintagma verbal como um todo e, por isso, seu elemento nominal não constitui um SN. Por isso, continuamos denominando os elementos nominais das ocorrências testadas como SN, porque acreditamos que elas constituem construções-suporte.

Eis a aplicação do segundo teste:

- (85) Assistência técnica **toda a diferença faz**.
- (86) \*O que não dá para continuar são essas **fábricas de dinheiro fazer**, isso é estelionato.
- (87) Eu sempre procurei fugir dessa tendência de **paralelos fazer**.

- (88) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **turismo fazendo**.
- (89) Há também algo da música mais popular brasileira que **sucesso faz**.
- (90) Na entrevista a seguir, Freire **um balanço faz** de como os 90 anos do socialismo se refletiram no Brasil e o que eles significam para a política brasileira de hoje.

Embora soem um pouco estranhas, observamos que (85), (87), (88), (89) e (90) não perderam o seu sentido original, quando seus respectivos SNs foram antepostos. A construção (86), por outro lado, soou agramatical, uma vez que perdeu seu sentido global de *fábricas de fazer dinheiro*, ou seja, enriquecer.

O terceiro teste verifica se o elemento pode vir como um fragmento de sentença, o que é típico de constituintes sintagmáticos que formam construções-suporte:

- (91) Faz **toda a diferença**? → Não, **\*toda a distinção**.
- (92) São essas fábricas de fazer **dinheiro**? → Não, **\*cédulas de Real**.
- (93) Essa tendência de **fazer paralelos**? → Não, **comparações**.
- (94) Fazendo **turismo**? → Não, **passeio**.
- (95) Faz **sucesso**? → Não, **estrondo**.
- (96) Freire faz **um balanço**? → Não, **uma avaliação**.

Observamos, novamente, que as ocorrências (93), (94), (95) e (96) aceitaram outro elemento como fragmento de sentença. E, ainda que as ocorrências (91) e (92) também aceitem esse fragmento, percebemos que tal substituição perdeu sentido, se inserida no contexto das construções.

Partimos, então, para o quarto teste, que verifica se o elemento nominal admite coordenação com outra cadeia, indicativo de que o constituinte coordenado é de mesmo tipo que aquele com o qual se coordena:

- (97) \*Assistência técnica **faz toda a diferença** e **toda a [...?]**.
- (98) \*O que não dá para continuar são essas **fábricas de fazer dinheiro** e [...?], isso é estelionato.
- (99) Eu sempre procurei fugir dessa tendência de **fazer paralelos** e **comparações**.
- (100) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **fazendo turismo** e **passeio**.
- (101) Há também algo da música mais popular brasileira que **faz sucesso** e **estrondo**.
- (102) Na entrevista a seguir, Freire **faz um balanço** e **uma avaliação** de como os 90 anos do socialismo se refletiram no Brasil e o que eles significam para a política brasileira de hoje.

Observamos que (97) e (98) não aceitaram um elemento coordenado, justamente por terem um sentido específico que depende da soldadura entre as partes das construções. As demais ocorrências, no entanto, foram facilmente coordenadas com outra cadeia nominal.

O quinto teste verifica se o elemento nominal pode servir como constituinte compartilhado na cadeia oracional, o que, mais uma vez, atesta ser este um constituinte:

- (103) Assistência técnica **faz** – e não...? – **toda a diferença**.
- (104) O que não dá para continuar são essas **fábricas de fazer** – e não...? – **dinheiro**, isso é estelionato.
- (105) Eu sempre procurei fugir dessa tendência de **fazer** – e não **ignorar** – **paralelos**.
- (106) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **fazendo** – e não **oferecendo** – **turismo**.
- (107) Há também algo da música mais popular brasileira que **faz** – e não **perde** – **sucesso**.
- (108) Na entrevista a seguir, Freire **faz** – e não **pede** – **um balanço** de como os 90 anos do socialismo se refletiram no Brasil e o que eles significam para a política brasileira de hoje.

Novamente observamos que as duas primeiras ocorrências acima não aceitaram um constituinte compartilhado, ao passo que as demais o aceitaram.

O sexto teste verifica se o elemento nominal pode ser substituído por uma proforma, entendida, na perspectiva deste trabalho, como pronome. Segundo Neves (2002), os elementos nominais que acompanham o verbo-suporte não funcionam simplesmente como argumentos do verbo, ou seja, não são requisitados pelo verbo. Tais elementos, portanto, não oferecem possibilidade de substituição por proforma. O elemento nominal que acompanha as expressões cristalizadas, por sua vez, não tem independência como constituinte, também impossibilitando a aplicação do teste. Para as construções como um todo, o teste não é viável para a língua portuguesa por tratar-se de sintagma verbal.

A aplicação do último teste também não foi possível para o conjunto das construções em cotejo. Esse teste verifica se o elemento admite elipse nas condições discursivas apropriadas; se assim for, temos um constituinte oracional. No caso das ocorrências em questão, julgamos as chamadas condições discursivas não apropriadas para a aplicação do teste, uma vez que as construções em cotejo não apresentaram a ordem canônica Sujeito + Verbo + Complemento<sup>5</sup>.

Os testes aplicados com êxito, no entanto, já nos oferecem subsídios para chegarmos a algumas conclusões a respeito das ocorrências examinadas. Observamos que as ocorrências (73) e (74) comportaram-se como expressões cristalizadas, pois não admitiram anteposição, coordenação com outra cadeia, compartilhamento de elementos, entre outros. Percebemos, nessas duas construções, um tipo de combinatória fixa, com sentido próprio e inalterável, por isso, as classificamos como expressões cristalizadas.

As demais ocorrências, por outro lado, apresentaram maior mobilidade do elemento nominal que, de fato, caracteriza-se como um SN, ou seja, trata-se de construções com verbo-suporte. Em alguns casos como em (75), por exemplo, a construção se aproximou das expressões cristalizadas ao considerarmos o *continuum*: em uma extremidade, os verbos plenos, na outra, as expressões, e no

---

<sup>5</sup> Para maiores esclarecimentos a respeito do respectivo teste, vide capítulo 2, que aborda a parte teórica, e o capítulo 4.1, que testa as estruturas do *corpus* de pesquisa quanto a esses testes.

entremeio, entre ambas, temos as construções-suporte, ora mais próximas dos verbos plenos, ora das expressões cristalizadas.

Levando em consideração as situações analisadas, percebemos que o maior número de ocorrências (cerca de 28%) foi o de construções com o verbo-suporte *fazer* seguido de um N sem determinante algum; esse padrão frasal foi seguido de perto por aquele formado pelo verbo *fazer* seguido de N acompanhado de determinante artigo indefinido (cerca de 22%). Na seqüência de número de ocorrências, tivemos as sentenças que apresentaram, em sua configuração, determinantes como adjetivos, advérbios, numerais, entre outros, e quantificadores como numerais ou advérbios (cerca de 20%). O terceiro padrão pesquisado formado por *fazer* mais um nome acompanhado de artigo definido ficou em quarto lugar no número de ocorrências (cerca de 19% das ocorrências). Por último, tivemos as sentenças clivadas (apenas 11%), dentre as quais observamos duas ocorrências do padrão frasal **fazer + [ø] N** e duas do padrão **fazer + [um/a]N**, ou seja, os mais prototípicos, e as demais ocorrências (somando, então, 60% do total) do padrão **fazer + [o/a]N** menos prototípico.

#### 4.3 O *aspecto* nas construções com o verbo-suporte *fazer*

Acreditamos que noções aspectuais podem estar relacionadas à questão de determinadas construções-suporte apresentarem mais ou menos expressividade e dramatização. Levando isso em consideração, apresentamos brevemente a proposta de Travaglia (2006), a respeito do aspecto verbal para então, a fim de apontarmos a influência desse fator nas construções com verbo-suporte que analisamos.

De acordo com Travaglia (2006), o aspecto é uma categoria verbal ligada à noção de tempo, seja enquanto épocas temporais, como passado, presente e futuro, seja como a expressão temporal do tempo nas conjugações verbais. Para distinguir tempo e aspecto, o autor delimita o tempo como externo à situação, ou seja, é uma categoria dêitica que situa o momento em que ocorreu a enunciação. O aspecto, por



sua vez, refere-se à situação em si e delimita a constituição temporal interna a ela. Para Travaglia, portanto (2006: 39),

o aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização.

O autor desenvolveu um quadro aspectual para o português. Temos os aspectos *perfectivo/imperfectivo*, *durativo/indeterminado*, *iterativo/habitual*, *pontual*, *não-começado/começado ou não-acabado/acabado*, *inceptivo/cursivo/terminativo* e o *aspecto não-atualizado*. Como meios de expressão do aspecto, o autor identifica a flexão verbal, algumas perífrases, o sentido próprio do verbo, os afixos, a repetição do verbo, adjuntos adverbiais, o tipo oracional e, ainda, o complemento do verbo.

Para o estudo que aqui propusemos, importou-nos observar a relação que o tempo verbal estabelecia em termos aspectuais.

De acordo com o autor,

as possibilidades de expressão do aspecto são maiores entre os tempos flexionais do passado, cuja nitidez afinaria com a objetividade da noção de aspecto. Também se nota que o aspecto aflora com maior clareza nos tempos do indicativo, que exprimem ações objetivas, porque o aspecto é uma categoria mais objetiva, rareando no subjuntivo; contudo aqui, (...) trata-se mais de uma influência do modo que do tempo (TRAVAGLIA: 2006: 117).

Ele acrescenta que os tempos verbais que indicam futuro não expressam aspecto por causa da atemporalidade que exprimem e, como vimos, o aspecto está estritamente relacionado com a marcação de tempo. Para o subjuntivo, por sua vez, também são fracas as marcas aspectuais, uma vez que os tempos verbais no subjuntivo também não marcam claramente o tempo por tratar-se de situações hipotéticas. Como as ocorrências dos respectivos tempos verbais não foram significativas, não as consideramos nesta análise.

A tabela a seguir apresenta a quantificação dos tempos verbais encontrados nas construções-suporte.

Tempos e Formas Verbais	Nº de Ocorrências
Presente do Indicativo	22
Pretérito Imperfeito do Indicativo	05
Pretérito Perfeito do Indicativo	17
Futuro do Presente do Indicativo Sintético	02
Futuro do Presente do Indicativo Analítico	03
Futuro do Pretérito do Indicativo	02
Futuro do Subjuntivo	02
Gerúndio	01
Gerúndio (formando presente do indicativo)	04
Particípio (formando voz passiva)	03
Infinitivo	19
Construções Modais	14
<b>Total</b>	<b>94</b>

Tabela de ocorrências de tempos verbais nas construções com verbo-suporte.

O **presente do indicativo** tende a expressar o aspecto imperfectivo, ou seja, uma situação incompleta que se encontra em uma de suas fases de desenvolvimento, início (aspecto inceptivo), meio (aspecto cursivo) ou fim (aspecto terminativo). Esse tempo também pode marcar o aspecto indeterminado que marca uma duração contínua e que não se pode limitar, e também o habitual, que marca uma duração descontínua e limitada. Quanto ao indeterminado, não encontramos ocorrência alguma no *corpus*, pois trata-se do aspecto típico das frases feitas, como em *A Terra gira em torno do sol*.

Vejamos alguns exemplos:

- (1) O homem quando **faz leis, faz leis** para si mesmo. (Ed. 1981 / 17-10-2007)
- (2) O presidente da República **faz uma barganha vergonhosa**. (Ed.1973 / 22-08-2007)
- (3) Hoje em dia, esse dinheiro **faz a alavancagem** da nossa economia. (Ed. 1995 / 30-01-2008)
- (4) Aí **faz essa mercancia**, esse mercado aberto e despudorado. (Ed. 1991 / 20-12-2007)

- (5) (...) ele (Itamar Franco) **faz diariamente exercícios** em uma esteira e alimenta-se de forma equilibrada. (Ed.1973 / 22-08-2007)

Os exemplos de (1) a (4) atualizam os aspectos imperfectivo, cursivo e durativo, pois apresentam a situação como não-acabada e em seu processo de desenvolvimento. Em (5), por outro lado, temos atualizado o aspecto habitual que é reforçado pelo advérbio *diariamente*, ou seja, a situação apresenta uma duração que é descontínua e limitada, pois vem estabelecida na sentença quando ela ocorre.

A construção seguinte foi analisada nas ocorrências do futuro analítico, por tratar-se do único caso de perífrase do tipo *deixar+de+infinitivo*:

- (6) Mas não é por isso que eu **vou deixar de fazer cinema**. (Ed. 1975 / 31-08-2007)

Segundo Travaglia (2006), as perífrases com o verbo *deixar* não marcam por si só o aspecto, o que ocorre é que outros elementos presentes na construção podem marcar determinado aspecto. Observamos que a presença do advérbio *não* no período anterior ao da perífrase tem como escopo toda a sentença. Então, embora em (6) o tempo verbal da sentença seja o futuro do presente analítico e, como vimos anteriormente, o futuro não tem marca aspectual alguma, nesse caso, o advérbio marca o aspecto. Entendemos que a situação marcada pela perífrase não vai deixar de ocorrer, o que seria esperado, pois a perífrase *deixar+de+infinitivo* indica uma situação que acontecia e não acontece mais. No exemplo anterior, identificamos os aspectos imperfectivo, pois a situação ainda não se completou, ou seja, está incompleta, o sujeito *vai fazer mais filmes*, e cursivo, pois está em fase de desenvolvimento, o sujeito *faz filmes* agora, e não-acabado, pois a situação já se iniciou, mas ainda não acabou, o sujeito *está fazendo um filme*.

Os tempos **pretérito perfeito** e **imperfeito** do indicativo atualizam, respectivamente, os aspectos perfectivo (acabado) e imperfectivo (não-acabado). O pretérito imperfeito pode marcar, ainda, o durativo (a duração da situação é contínua e limitada) e o cursivo, principalmente quando se trata de uma situação que estava em processo enquanto outra acontece no presente, sendo esta última situação introduzida pelo pretérito perfeito.

Observemos algumas ocorrências com o pretérito imperfeito;

- (7) Quando o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso começou, o senador Sérgio Guerra nem do PSDB era. Como deputado do PSB, **fazia oposição** a ele. (Ed. 1988 / 05-12-2007)
- (8) Antes eu **já fazia música** (...) (Ed. 1982 / 24-10-2007)
- (9) É possível comparar os estudantes de hoje com aqueles que **faziam grandes passeatas** na década de 60? (Ed. 1975 / 31-08-2007)

Observamos, nas ocorrências acima, a atualização do aspecto imperfectivo. Além disso, a construção-suporte marca mais expressividade que um verbo pleno, pois, em *fazia oposição* ou *faziam passeatas*, por exemplo, embora a situação tenha apresentado uma duração no passado, os verbos plenos *opunha-se* e *reivindicavam* marcariam menos essa duração no passado.

Em (8), os advérbios *antes* e *já* marcam o aspecto da construção em conjunto com o tempo verbal. O advérbio *antes* evidencia que a situação se desenvolvia no passado, e o advérbio *já* aponta que ela continua a se desenvolver no presente. Temos, portanto, o aspecto imperfectivo, ou seja, não-acabado, e o aspecto cursivo, pois a situação ainda está se desenvolvendo, aspectos estes tipicamente marcados pelo pretérito imperfeito.

Observemos alguns exemplos com o pretérito perfeito:

- (10) A única publicidade que eu tive foi gratuita, assim mesmo porque arrumei uma pessoa amiga minha que **fez o filme** da minha propaganda. (Ed. 1981 / 17-10-2007)
- (11) (...) e **eu fiz uma regravação** dela (Hardly wait) no meu disco anterior. (Ed. 1982 / 24-10-2007)
- (12) Então **fizemos uma negociação, devagarinho**, com consenso (...). (Ed. 1992 / 09-01-2008)
- (13) (...) **fiz duas operações** no quadril! (Ed. 1986 / 21-11-2007)

Em (10) e (11), temos o aspecto perfectivo, ou seja, acabado e completo. Em (12), embora o tempo verbal também seja o pretérito perfeito, temos o diminutivo *devagarinho*, que vale pelo advérbio *lentamente*. Atualiza-se, dessa forma, o aspecto imperfectivo, pois a situação apresenta duração. Em (13), o aspecto atualizado é o perfectivo e, também, o iterativo, por causa do quantificador *duas*, que marca uma duração descontínua e limitada.

O **infinitivo** é aspectualmente neutro, ou seja, não atualiza aspecto algum, seja em sua forma não-flexionada, seja em sua forma flexionada. Com exceção do presente, que apresentou o maior número de ocorrências e cuja atualização do aspecto é fluida, o infinitivo foi o segundo maior em ocorrências.

O **gerúndio** pode marcar os aspectos não-acabado, cursivo e/ou durativo, mesmo assim, tudo depende do tipo de oração desenvolvida a que corresponde a reduzida de gerúndio e do tempo flexional do verbo principal. Nos exemplos do *corpus*, poucas foram as ocorrências de gerúndio, apenas cinco, das quais quatro de SER + GERÚNDIO, marcando tempo presente, e uma ocorrência de oração reduzida:

- (14) Temos meninos da Baixada Fluminense com uma câmera de R\$ 200 **fazendo cinema**. (Ed. 1975 / 31-08-2007)
- (15) Houve uma distribuição de renda maior para uma massa maior, que está consumindo, comprando, viajando e **fazendo turismo**. (Ed. 1992 / 09-01-2008)
- (16) Ele (o escritor africano) **está fazendo literatura**, ponto final. (Ed. 1978 / 26-09-2007)
- (17) Agora é que **estamos fazendo os primeiros ensaios** do que será a humanidade. (Ed. 1975 / 31-08-2007)

Em (14), ocorre uma oração reduzida de gerúndio adjetiva. Nesse caso, segundo Travaglia (2006), o gerúndio atualiza os aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo, independentemente do tempo verbal da oração principal. Em (15) e (16), o tempo presente do indicativo marca os aspectos imperfectivo, cursivo e indeterminado, quanto à duração. Em (17), o presente também marca o imperfectivo, porém, quanto à fase de desenvolvimento, temos o inceptivo, marcado por *os primeiros*, ou seja, a situação está em sua fase inicial.

O **particípio**, por sua vez, marca o aspecto como acabado e a situação concluída. No *corpus*, todavia, esse tempo verbal só ocorreu em situações de voz passiva, valendo, então, o tempo do verbo auxiliar e a própria configuração da sentença. Uma das ocorrências apresentou o auxiliar no pretérito imperfeito do subjuntivo, as outras duas no pretérito perfeito do indicativo:

- (18) Para isso, **foi feito um investimento** de R\$ 3 milhões na compra de equipamentos para montar um laboratório de simulação. (Ed. 1979 / 03-10-2007)
- (19)(...) minha manifestação foi para traduzir a ele a expectativa dos brasileiros de que **não fosse feito mais um plano** de intenções. (Ed. 1970 / 01-08-2007)

Em (18), o pretérito perfeito marca o aspecto perfectivo. Em (19), por outro lado, o subjuntivo apresenta a situação como hipotética, o que acaba por anular noções aspectuais possíveis. Para Travaglia (2006), os tempos do indicativo atualizam com mais clareza o aspecto, por que apresentam situações objetivas, ao passo que o subjuntivo apresenta as situações como irrealis ou incertas, ou mesmo marcam modalidade.

De acordo com o autor, a presença de modalidade também influi na atualização ou não do aspecto. Modalidades que pressupõem uma realização futura são as que mais restringem a atualização do aspecto. Por outro lado, perífrases verbais podem expressar o aspecto quando em uma construção modal. Nas ocorrências abaixo ocorreu ,pelo menos, algum tipo de modalidade:

- (20) Meu irmão, será que por ser ministro **preciso fazer compras** de smoking? (Ed. 1992 / 09-01-2008) [4 ocorrências]
- (21) Ele (Cazuza) **deve ter feito experiências** na adolescência (Ed. 1984 / 07-11-2007)
- (22) Ele (Jaime Lerner) **quer fazer política** pela arquitetura.(Ed. 1972 / 15-08-2007)
- (23) Ninguém acredita que com uma camerazinha de R\$ 200 **se pode fazer um filme** de verdade. (Ed. 1975 / 31-08-2007) [2 ocorrências]
- (24) Mas **não sinto necessidade de fazer um filme** só para fazer um filme. (Ed. 1982 / 24-10-2007)
- (25) Aos 44 anos, ele **tenta**, à frente da OAB, **fazer uma aliança** dos advogados com os movimentos sociais para agitar a política brasileira. (Ed. 1983 / 31-10-2007)
- (26) Gianni **sempre queria fazer um show** de verdade. (Ed. 1971 / 08-08-2007)
- (27) A Sra. **parece fazer uma relação direta** entre a democracia e o crescimento. (Ed. 1976 / 12-09-2007)

(28) **Gostaria de ter feito mais assentamentos.** (Ed. 1994 / 18-01-2008)

Em (20) e (24), temos a noção modal de *necessidade* e, em (22), (26) e (28), a noção de *volição*. Ambos os casos anteriores bloqueiam a atualização do aspecto. Além disso, (20), (22) e (24) pressupõem uma realização futura. Em (21), por sua vez, a perífrase *dever+infinitivo* pressupõe probabilidade e atualiza os aspectos perfectivo, acabado. Em (23), a modalidade expressa a noção de *possibilidade* marcada pela perífrase *poder+infinitivo* e marca os aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo. Em (25), temos a noção modal de *intenção* marcada pela perífrase *tentar+infinitivo*. Embora esse tipo de modalidade bloqueie a atualização do aspecto, a perífrase expressa no presente do indicativo marca os aspectos imperfectivo, não-acabado e cursivo. Por fim, em (27), a noção modal de *probabilidade/hipótese* marcada pela perífrase *parecer+infinitivo* atualiza os aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo.

O último exemplo, embora classificado entre as sentenças modais, apresentou-se de difícil classificação:

(29) Foi realmente pesado e certamente nos primeiros anos eu sentia que **estava fingindo fazer o trabalho** do meu irmão. Eu sempre penso no Gianni, no que ele faria se estivesse no meu lugar. (Ed. 1971 / 08-08-2007)

Podemos entender a modalidade em (29) no sentido de que *fingir* signifique *querer passar por*, caso em que teremos a noção modal de *volição* que não atualiza aspecto algum. Por outro lado, podemos interpretar a construção-suporte como uma reduzida de infinitivo, que pode ser desenvolvida por *estava fingindo que fazia*, em que o tempo pretérito imperfeito marca os aspectos imperfectivo, não-acabado e cursivo.

Percebemos, por tudo que se avaliou quanto ao aspecto, que, quando este é atualizado nas construções com o verbo-suporte *fazer* encontradas no *corpus*, a noção aspectual mais predominantemente marcada foi o imperfectivo. Por denotar uma situação não-acabada e ainda em processo de desenvolvimento, o imperfectivo

corroborar a hipótese de que as construções-suporte com o verbo *fazer* conferem maior expressividade ao enunciado e, por vezes, também marquem certa dramatização do evento apresentado.



## Considerações finais

O exercício de análise realizado com as construções formadas pelo verbo-suporte *fazer* pôde revelar alguns padrões para tais construções, pouco documentadas, mas de larga utilização na língua portuguesa. Relembramos que nosso *corpus* consta de 249 ocorrências de sentenças formadas com o verbo *fazer*. Em 135 delas, ou seja, 54% do total, *fazer* figura como verbo pleno, ao passo que 94 ocorrências, somando 38% do total, correspondem a construções com verbo-suporte; e somente 20 ocorrências, 8% do total, constituem expressões cristalizadas.

Após descartarmos as construções com verbo *fazer* pleno, os testes propostos por Radford (1988) nos permitiram delimitar os outros dois diferentes usos do verbo *fazer* no *corpus*, uma vez que tais testes revelaram que o elemento nominal presente na construção-suporte é, de fato, um SN, enquanto o elemento nominal das expressões cristalizadas forma um todo indissolúvel de sentido. Ao analisarmos o todo dos enunciados, porém, notamos que ambas as construções comportam-se de maneira idêntica como constituintes do sintagma verbal. Dessa forma, separamos as construções com verbo *fazer* suporte daquelas construções que constituem expressões para, então, delimitarmos, no *continuum* anteriormente apresentado, as estruturas com verbo-suporte.

De acordo com os padrões frasais identificados no *corpus*, observamos que o maior número de ocorrências (cerca de 28%) foi o de construções com o verbo-suporte *fazer* seguido de um N sem determinante algum, representado por **fazer + [Ø] N**; esse padrão frasal foi seguido de perto por aquele formado pelo verbo *fazer* seguido de N acompanhado de determinante artigo indefinido (cerca de 22%), representado por **fazer + [um/a]N**. O primeiro padrão foi considerado o mais prototípico de todos por apresentar grau de referencialidade nulo em todas as ocorrências. O segundo padrão, por sua vez, embora também possa ser considerado prototípico, apresenta um grau menor de não-referencialidade.

O terceiro padrão é formado por *fazer* mais um nome acompanhado de artigo definido (cerca de 19% das ocorrências), representado por **fazer + [o/a]N**. Esse padrão pode ou não apresentar referencialidade, dependendo da configuração da sentença. Quando o SN está no plural e o sujeito no singular, por exemplo, não há referencialidade; por outro lado, quando o SN recupera por anáfora algum referente já mencionado, a construção apresenta referencialidade, afastando-se dos padrões prototípicos.

Quanto à presença de determinantes como adjetivos, advérbios, numerais, entre outros, e quantificadores como numerais ou advérbios (cerca de 20%), também observamos que a referencialidade é dependente do tipo de configuração da sentença, embora, nesses casos, a tendência predominante seja a referencialidade da construção-suporte. Exemplo disso são as ocorrências de determinantes, como os pronomes demonstrativos *esse/a*, que recuperam referentes por anáfora. Consideramos, nessas ocorrências, artigos definidos e indefinidos como parte integrante da configuração da sentença.

Por último, temos as sentenças clivadas (apenas 11%), que se configuram ora prototípicas, ora não-prototípicas. Dentre estas últimas, temos duas ocorrências do padrão frasal **fazer + [ø] N** e duas do padrão **fazer + [um/a]N**, ou seja, os mais prototípicos, e as demais ocorrências (somando, então, 60% do total) do padrão **fazer + [o/a]N** menos prototípicas.

Verificamos que, quando a construção com verbo-suporte é utilizada em sentido figurado ou, ainda, próximo ao figurado, é mais evidente o que chamamos de **dramatização** do enunciado, ou seja, a construção-suporte confere mais vivacidade ao estado de coisas que apresenta. Também constatamos que a estrutura suporte confere graus de expressividade ao enunciado, bem como serve para torná-lo mais informal.

Dentre as peculiaridades das construções com o verbo-suporte *fazer*, destacamos: evitar a utilização do pronome oblíquo se presente no verbo pleno; detransitivar o complemento verbal, ou seja, a construção-suporte pode prescindir de complementação; apresentar não-referencialidade, isto é, não identificar referentes no contexto, tornando o enunciado mais genérico. É interessante observar que verbos plenos bloqueiam este último fator.

Quanto à expressão do aspecto, observamos uma tendência de as construções com o verbo-suporte *fazer* aqui analisadas atualizarem, predominantemente, o aspecto imperfectivo, ou seja, apresentarem a situação como não-acabada em um de seus estágios de desenvolvimento. Esse fato corrobora a hipótese inicial de que tais construções marcam o traço expressividade nos enunciados em que ocorrem. Além disso, marcam, também, menor comprometimento do sujeito com o enunciado e podem servir para dramatizar esse enunciado, conferindo contornos próprios da fala para uma produção escrita.

Esperamos que, ao *fazermos uma dissertação* a respeito da estrutura suporte do verbo *fazer*, tenhamos contribuído para a documentação dessa construção, que é largamente utilizada pelos usuários da língua portuguesa para melhor atingir seus objetivos comunicativos. Também buscamos despertar em outros pesquisadores a curiosidade sobre o tema que apresentamos ou sobre o qual *fizemos a apresentação* nesse trabalho.

## Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, F. S. *Dicionário gramatical de verbos do Português contemporâneo do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Uma gramática de valências para o português*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1996.

CASTILHO, A. T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *Alfa*, Revista de Lingüística, São Paulo, v. 38, 1994. p. 75-95.

CHACOTO, L. Predicados nominais com o fazer no português medieval. *In: ACTAS do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*, Braga-Guimarães, 1996. p. 69-77.

CUNHA, A. G. *Os verbos Dar, Dizer, Estar e Fazer no vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. CD-ROM. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, s/d.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In: CUNHA, M. G. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29-55.

FERREIRA, A. B. O. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WEBSITE OF FUNCTIONAL GRAMMAR. Disponível em: <[HTTP://www.functionalgrammar.com](http://www.functionalgrammar.com)>. Acesso em: 02 mai 2008.

Giry-Schneider. *Le noms construits avec faire: compléments ou prédicats?* Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_00238368\\_1986\\_num\\_69\\_1\\_6362?Prescripts\\_Search\\_isPortletOuvrage=false](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_00238368_1986_num_69_1_6362?Prescripts_Search_isPortletOuvrage=false)>. Acesso em: 10 out. 2007.

IGNÁCIO, S. E. Abordagem sintático-semântica da oração com base na estrutura argumental. In: \_\_\_\_\_. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. Franca: Ribeirão, 2002. p. 109-127.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEPSCHY, G. *A lingüística estrutural*. Tradução de Nites Therezinha Feres. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. G. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 17-28.

NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. de C. *Sintaxe: explorando a estrutura da sentença*. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à Lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81-109.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa, Revista de Lingüística*, São Paulo, 1994, v. 38, p. 109-127.

\_\_\_\_\_. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCK, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora Unicamp, Fapesp, 1996. p. 201-231.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

- \_\_\_\_\_. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. *In*: KOCK, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora Unicamp, Fapesp, 1996. p. 281-306.
- PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Lingüística. *In*: MUSSALIM, F.; & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, v 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165 – 217.
- PEZATTI, E. G. *at al. O modelo funcionalista de S. Dik: a ordem*. São José do Rio Preto: Unesp, s/d.
- RADFORD, A. *Transformational Grammar: a first course*. England: Cambridge University Press, 1988.
- RANCHHOD, E. M. Construções com nomes predicativos na Crônica Geral de Espanha de 1344. Disponível em: <<http://label.ist.utl.pt/publications/docs/Cintra.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2008.
- SCHER, A. P. Quais são as propriedades de uma construção com verbo leve? *In*: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 205-219.
- \_\_\_\_\_. *As construções com o verbo leve Dar e nominalizações em – ADA no português do Brasil*. 2004. 234 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, Campinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve Dar. Disponível em: <[HTTP://www.geocities.com/gt\\_teor\\_da\\_gramatica/anpoll2004\\_ana\\_scher.doc](http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/anpoll2004_ana_scher.doc)>. Acesso em: 20 jan. 2008.
- SILVA, A. S. da. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Braga: Empresa do Diário do Minho, Ltda, 1999.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4 ed. Uberlândia: Edefu, 2006.

VIEIRA, M. dos S. M. Estruturas com verbos funcionais em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. *In: Anais do Encontro do Ce/Sul*, 4, Curitiba, 2001a. p. 583-590.

\_\_\_\_\_. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. 2001. 362 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/72873-2.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2008.

Dados Internacionais de Catalogação-na-  
Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

C747v Conejo, Cássia Rita  
O verbo-suporte *fazer* na língua portuguesa : um  
exercício de análise de base funcionalista / Cássia Rita  
Conejo. -- Maringá : [s.n.], 2008.  
95 f.

Orientador : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Pante.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de  
concentração: Estudos Lingüísticos, 2008.

1. Verbo-suporte. 2. *Fazer*. 3. Padrões frasais. 4.  
Expressividade. 5. Entrevista retextualizada. I.  
Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação  
em Letras. II. Título.

CDD 21.ed. 469.5



